

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC GUILHERME LUIS DA SILVA PESSANHA

A ATUAÇÃO DE CHINA E ÍNDIA NA REGIÃO DO OCEANO ÍNDICO NO SÉCULO XXI

Uma análise sob a ótica de Corbett

Rio de Janeiro

2022

CC GUILHERME LUIS DA SILVA PESSANHA

## A ATUAÇÃO DE CHINA E ÍNDIA NA REGIÃO DO OCEANO ÍNDICO NO SÉCULO XXI

Uma análise sob a ótica de Corbett

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Otacílio Bandeira Peçanha

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2022

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por me dar saúde e paz, além de iluminar meu caminho por ocasião de toda a minha jornada até aqui.

Aos meus pais, José Luis e Eloiza, pela valiosa formação pessoal e bons exemplos que sempre me ofereceram.

À minha amada esposa Suelisy, pelo amor, amizade, paciência e dedicação que tem pela nossa família.

Ao meu filho Murilo e meu enteado Miguel, pelo carinho, amor e companheirismo, trazendo luz e alegria em todos os momentos difíceis vividos.

Ao meu orientador, Capitão de Mar e Guerra (RM1) Peçanha, pelos engrandecedores conselhos nos momentos de pesquisa e pela valiosa e objetiva orientação dos rumos tomados no desenvolvimento deste trabalho.

Aos companheiros do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores do ano de 2022, em especial aos amigos da Turma “Almirante Luiz Leal Ferreira”, pelas demonstrações de incentivo e camaradagem durante a edificação desta dissertação.

À Escola de Guerra Naval, pelos conhecimentos transmitidos, conduzido pela direção, corpo docente e por toda a administração.

Ao Capitão de Fragata Rogério Diniz, pela relevante contribuição fruto da sua experiência vivida na Índia.

Ao Capitão de Corveta Anselmo, pelos incentivos diários e pela disposição ao realizar diversas críticas construtivas, contribuindo para a conclusão exitosa deste trabalho.

## RESUMO

O propósito desta dissertação é confrontar o modelo conceitual da teoria de estratégia marítima de Corbett às atuações de China e Índia na Região do Oceano Índico no século XXI. Buscou-se atingir o propósito, empregando a confrontação da teoria e da realidade, dispondo de pesquisa bibliográfica e documental. Para tal, apoiou-se nos conceitos teóricos de comando do mar desenvolvido por Julian Stafford Corbett (1898, 1899, 1907 e 1911), que, baseado em acontecimentos históricos, apontou que a estratégia marítima para a obtenção do comando do mar por meio da vitória frente a frota inimiga é suficiente em certas ocasiões, contudo, são raras. Assim, ressaltou que o comando do mar é exercido por meio do controle das linhas de comunicações marítimas, além de negar ao adversário, produzindo restrição de movimento a ele, gerando severas consequências a sua economia. Corbett evidenciou a importância do incremento de pontos navais para apoio e do desenvolvimento de uma frota adequada para a execução das tarefas necessárias quando a guerra eclidir, além do controle de posições estratégicas, podendo ser de características militares ou comerciais ou negar ao adversário tal possibilidades. Combinado a essas ações, destacou a relevância da atuação do poder político e de ações diplomáticas. Entre as singularidades mais importantes, esta pesquisa destacou as semelhanças entre a teoria de Corbett e as atuações de China e Índia na Região do Oceano Índico, sendo possível concluir que as ações de ambos Estados possuem aderência à teoria do estrategista britânico.

**Palavras-chave** – Corbett, Comando do Mar, Linha de Comunicação Marítima, Estratégia Marítima, Região do Oceano Índico, China e Índia.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Principais Linhas de Comunicação Marítima para a China.....	54
FIGURA 2 –	Nova Rota de Seda desenvolvida pela China.....	55
FIGURA 3 –	Colar de Pérolas da China.....	56
FIGURA 4 –	Comparação quantitativa de meios antigos e modernos do Exército Popular de Libertação da China.....	57
FIGURA 5 –	Comparação quantitativa da força naval de batalha entre China e EUA no período desde 2005 até 2020.....	58
FIGURA 6 –	Comparação quantitativa de certos tipos de navios entre chineses e norte-americanos no período de 2000 até 2030, baseado em planos de construção de fevereiro de 2020.....	59
FIGURA 7 –	Comparação quantitativa de certos tipos de navios entre chineses e norte-americanos no período desde 2020 até 2040, baseado em planos de construção em outubro de 2020.....	60
FIGURA 8 –	Previsão de evolução quantitativa de embarcações da Milícia Marítima Chinesa no período entre 2000 e 2030.....	61
FIGURA 9 –	Características do Navio-aeródromo Indiano INS Vikrant.....	62
FIGURA 10 –	Índice de indigenização dos equipamentos a bordo dos navios nas categorias “Float”, “Move” e “Fight” .....	63
FIGURA 11 –	Localização das ilhas Andamão e Nicobar no Oceano Índico.....	64
FIGURA 12 –	Atuação da Índia junto a outros atores no Oceano Índico.....	65
FIGURA 13 –	Exercícios realizados pela Marinha Indiana junto a marinhas amigas.....	66
FIGURA 14 –	Cadeia de ilhas <i>Lakshadweep</i> e <i>Minicoy</i> .....	67
FIGURA 15 –	Localização dos sete pontos de realização da <i>Mission Based Deployment</i> .....	68

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASEAN –	Associação das Nações do Sudeste Asiático
BG –	Boletim Geocorrente
CCG –	Conselho de Cooperação do Golfo
EMMI –	Estratégia Militar Marítima Indiana
EPL –	Exército Popular de Libertação da China
EUA –	Estados Unidos da América
ROI –	Região do Oceano Índico
LCM –	Linha de Comunicação Marítima
MEPL –	Marinha do Exército Popular de Libertação
PGM –	Primeira Guerra Mundial
PIB –	Produto Interno Bruto
PINI –	Plano de Indigenização Naval Indiana
PPCMM –	Plano de Perspectiva de Capacidade Marítima da Marinha
RPC –	República Popular da China
SGM –	Segunda Guerra Mundial
SS –	Submarino de ataque de propulsão a diesel
SSN –	Submarino de ataque de propulsão nuclear
SSBN –	Submarino lançador de míssil balístico de propulsão nuclear
SBLM –	Míssil balístico lançado por submarino

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>A TEORIA DA ESTRATÉGIA MARÍTIMA DE JULIAN STAFFORD CORBETT.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1</b>	<b>Desenvolvimento da teoria da Estratégia Marítima de Corbett.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>Embasamentos históricos utilizados por Corbett.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3</b>	<b>A influência de Corbett nas Grandes Guerras.....</b>	<b>15</b>
2.3.1	A influência de Corbett na Primeira Guerra Mundial.....	15
2.3.2	A influência de Corbett na Segunda Guerra Mundial.....	16
<b>2.4</b>	<b>Conclusões parciais.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>A ATUAÇÃO DA CHINA NO OCEANO ÍNDICO.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Dilema de Malaca.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2</b>	<b>“Nova Rota de Seda” .....</b>	<b>20</b>
<b>3.3</b>	<b>“Colar de Pérolas” .....</b>	<b>23</b>
<b>3.4</b>	<b>Desenvolvimento da proteção em águas marítimas afastadas.....</b>	<b>25</b>
<b>3.5</b>	<b>Conclusões parciais.....</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>A ATUAÇÃO DA ÍNDIA NO OCEANO ÍNDICO.....</b>	<b>32</b>
<b>4.1</b>	<b>A Estratégia Marítima da Índia.....</b>	<b>33</b>
4.1.1	A Evolução da Estratégia Militar Marítima Indiana no Século XXI.....	35
4.1.2	O desenvolvimento da Estratégia de Dissuasão.....	36
4.1.3	Política do “ <i>Made in India</i> ” .....	39
4.1.4	Iniciativa Indiana junto a outros atores da Região do Oceano Índico.....	40
4.1.5	Política do “ <i>Act East</i> ” .....	42
<b>4.2</b>	<b>Bases e pontos estratégicos na Região do Oceano Índico.....</b>	<b>43</b>
<b>4.3</b>	<b>Conclusões parciais.....</b>	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 2000, a República Popular da China<sup>1</sup> (RPC) desenvolvia uma estratégia cujo objetivo era prover condições à Marinha do Exército Popular de Libertação (MEPL) operar em mares distantes, sendo planejada para conclusão em 2035. Podemos observar que a estratégia passava pela implementação de infraestruturas em posições estratégicas afastadas de seu território, onde destacam-se as desenvolvidas na Região do Oceano Índico (ROI), visando a proteção das Linhas de Comunicação Marítima (LCM)<sup>2</sup> usadas por Pequim para transportar as necessidades energéticas e alimentares de modo a atender a demanda de aproximadamente 1,4 bilhão de habitantes. Assim, as LCM são de vital importância para o povo chinês, e com isso, as ações estratégicas desenvolvidas por Pequim visam garantir a segurança do seu povo, além dos seus interesses na ROI.

Contudo, A ROI pertence ao entorno estratégico da Índia, e assim, possui seus interesses confrontados pela presença da MEPL na região. Portanto, foi forçada a desenvolver sua estratégia marítima suportada pela necessidade de se contrapor às ações do seu antagonista asiático em uma região tão próxima de seu território. Outro fato que incrementa a incerteza na ROI é a constante presença de outros atores, contribuindo sobremaneira para um cenário “VUCA<sup>3</sup>” e, dessa forma, amplia as dificuldades enfrentadas por Nova Délhi em estabelecer uma estratégia marítima, visando se contrapor à crescente presença chinesa na ROI.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho usar-se-á o nome China para representar a República Popular da China (RPC).

<sup>2</sup> O termo “Linha de Comunicação Marítima”, neste trabalho abreviado como LCM, refere-se às principais rotas marítimas entre portos de interesse, utilizados para o comércio entre Estados ou entre cidades.

<sup>3</sup> Volátil, incerto, complexo e ambíguo. É uma ideia que teve origem na década de 1990, no exército norte-americano, na época pós-Guerra Fria, e foi utilizada para explicar a complexidade e as incertezas da situação geopolítica mundial.



Sendo assim, de modo a melhor entender as estratégias desenvolvidas pelos governos indiano e chinês, examinaremos a teoria de estratégia marítima desenvolvida por Julian Stafford Corbett (1854-1922), nas obras *Drake e Tudor Navy*<sup>4</sup>, volumes 1 e 2, *England and the Seven Years' War*<sup>5</sup> e *Some Principles of Maritime Strategy*<sup>6</sup>.

Com isso, o propósito deste trabalho é confrontar os fundamentos teóricos de estratégia marítima defendidos pelo estrategista britânico com as ações adotadas por Pequim e Nova Délhi na ROI. Para atingir tal propósito, será utilizada como desenho de pesquisa a análise comparativa entre a teoria e a realidade, com base na pesquisa documental e bibliográfica, evidenciando os pontos de aderência entre eles.

Então, a questão medial desta dissertação é: Quais são os pontos de semelhança entre a teoria de estratégia marítima de Corbett frente às estratégias Chinesa e Indiana na Região do Oceano Índico?

Para responder aos questionamentos e atingir o propósito mencionado, este trabalho está dividido em cinco capítulos. A presente introdução descreve o tema proposto. O segundo capítulo será destinado à fundamentação teórica, com destaque aos pontos principais da teoria de estratégia marítima fundamentada por Corbett. Logo após, no terceiro capítulo, o objetivo será descrever a atuação da China na ROI. No quarto capítulo, será realizada a avaliação da atuação da Índia na mesma região. Por fim, o quinto e último capítulo, expressará uma conclusão do estudo realizado, tendo como base a análise dos fatos e argumentos anteriormente expostos.

---

<sup>4</sup> Drake e a Marinha de Tudor, tradução nossa.

<sup>5</sup> Inglaterra e a Guerra dos Sete Anos, tradução nossa.

<sup>6</sup> Alguns Princípios da Estratégia Marítima, tradução nossa.

## **2 A TEORIA DA ESTRATÉGIA MARÍTIMA DE JULIAN STAFFORD CORBETT**

Neste capítulo nos dedicaremos a apresentar os aspectos da teoria de Corbett em busca de subsidiar uma futura análise sobre a atuação de China e de Índia na ROI visando atingir seus interesses estratégicos, políticos e econômicos.

Para cumprir o que foi exposto, a estrutura teórica será baseada nas obras *Drake e Tudor Navy*, volumes 1 e 2, *England and the Seven Years' War* e *Some Principles of Maritime Strategy*, escritas por Julian Stafford Corbett (1854-1922). Serão abordados argumentos a respeito da estratégia marítima baseada no comando do mar por meio do controle das LCM e de posições estratégicas. Assim, dividiu-se o presente capítulo em quatro subseções. A primeira apresentará a Teoria de Estratégia Marítima de Corbett. A segunda relacionará os embasamentos históricos utilizados por ele. A terceira será destinada a uma contextualização da influência de Corbett nas Grande Guerras, e por último, a quarta, será destinada às conclusões parciais.

### **2.1 Desenvolvimento da teoria da estratégia marítima de Corbett**

Sir Julian Stafford Corbett nasceu em 1854, na Inglaterra. É formado em direito, entretanto, nunca exerceu a advocacia, contudo, passou a carreira de escritor, em que dedicou-se a romances históricos. Corbett conduziu a história naval para seu foco por ocasião da sua meia-idade ao aceitar um pedido de John Knox Laughton (1830-1915), visando organizar alguns documentos sobre a Guerra Anglo-Espanhola (1585-1604), dando início assim, a sua carreira de historiador naval. Em seguida, ele passa a ser um dos principais estrategistas da Marinha Real Britânica, em que exerceu consultoria ao Almirantado,

proporcionando relevada influência no pensamento tático e estratégico da “*Royal Navy*” no final do século XIX e início do Século XX.

Ao palestrar no *Royal Naval War College*<sup>7</sup>, Corbett estava inserido na comunidade naval e tentou influenciar esse estabelecimento ao buscar transmitir suas ideias de comando do mar, indo de encontro às estratégias navais e teorias que eram amplamente aceitas na época (WEDIN, 2015).

Reforçando isso, ressalta-se que Corbett não possuía experiência militar, ao contrário da maioria dos estrategistas. Entretanto, seu destaque é sedimentado por meio da profunda dedicação à história marítima britânica, o que lhe proporcionou uma grande capacidade para desenvolver a estratégia marítima. Por ser contemporâneo de Alfred Thayer Mahan (1840-1914), qualquer comparação se torna inevitável ao estrategista naval norte-americano. Sendo assim, diversos estudiosos apontam que suas ideias são conflitantes. Contudo, podemos observar que as ideias de Corbett complementam o que foi apresentado pelo norte-americano, que seu trabalho usou como apoio.

Mahan foi o primeiro estrategista marítimo, que se baseou em acontecimentos históricos, principalmente os ocorridos nos séculos XVII e XVIII, quando o poder marítimo britânico se destacou por meio da sua capacidade comprovadamente superior. Assim, Mahan destacou as batalhas navais ocorridas nesse período e complementou como as estratégias, oriundas dos governos envolvidos, geraram êxito para os vencedores. Ele deixou bem claro em seus escritos que o objetivo das forças navais deveria ser as forças navais do inimigo por meio do ataque para obter o comando do mar (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

---

<sup>7</sup> É a academia naval do Reino Unido e o estabelecimento de treinamento inicial de oficiais da Marinha Real Britânica.

Assim, Corbett usou dos seus atributos no intuito de complementar as ideias do estrategista naval norte-americano, lançando mão dos seus estudos sobre o Prussiano Carl Von Clausewitz (1780-1831), ao ajustar suas teorias militares para o espectro marítimo. Entretanto, o comando do mar não se iguala ao domínio de um território, visto que, não cabe propriedade do mar além das águas territoriais, impossibilitando sua conquista. Além disso, não se pode impedir a passagem de embarcações neutras, como é possível em algum território conquistado (CORBETT, 1911).

Com isso, o comando do mar é relacionado ao que podemos impossibilitar o inimigo de realizar e o que pode ser garantido à própria força naval. Destaca-se que o mar exerce o papel de barreira entre dois territórios, sendo que esta é eliminada quando o comando do mar é adquirido (CORBETT, 1907).

Corbett apontou que o comando do mar ou negar ao seu adversário é o objetivo da guerra naval, podendo-se salientar que a sua execução de forma duradoura e absoluta é inviável, sendo factível o comando do mar contendo características flexíveis no tempo e no espaço. O comando do mar é exercido por meio do controle das LCM, que podem ser constituídas de características militares ou comerciais, além de negar ao adversário, culminando ao sufocamento desse no território onde se encontra, exercendo pressão sobre sua economia, e concomitantemente, quebrando a sua capacidade de ser manter no conflito (CORBETT, 1911).

Sendo assim, as LCM expressam um significado mais abrangente, em que se inclui o fluxo de abastecimento da vida desenvolvida em terra e as linhas de suprimento da frota, ficando nítido assim, sua característica *dual*<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Qualidade do que contém em sua essência duas substâncias, dois princípios, duas naturezas.

Corroborando isso, a estratégia marítima de comando do mar se destaca da estratégia terrestre, visto a impossibilidade de extração de meios de subsistência, como nesse último e onde existe a necessidade do uso do poder terrestre de modo a consolidar as conquistas no mar. O comando do mar está estreitamente ligado à execução durante a guerra, contudo, existe a possibilidade de sua execução em tempos de paz. Sendo assim, teremos que relacionar o comando do mar à execução de outras duas ações, além das anteriormente apresentadas: possuir pontos navais para apoio e uma frota adequada para a execução das tarefas necessárias quando a guerra ocorrer (CORBETT, 1911).

Corbett afirmou que “O objetivo da guerra naval deve ser sempre direto ou indiretamente, assegurar o comando do mar ou impedir que o inimigo o assegure”, complementando com a afirmativa que “O comando do mar não é uma entidade binária”, com isso, ele buscou demonstrar que a perda do comando do mar por uma parte na guerra, não passaria esse comando automaticamente para o lado oposto. Cabe ressaltar que, devido à imensidão do mar, o seu comando poderia ser realizado por meio do uso do controle de áreas específicas, dentro de um período limitado de tempo, visto que, mesmo nos dias de hoje, quando existe a disponibilidade de uma considerável gama de equipamentos capazes de apresentar informações em tempo real, nenhum Estado pode impedir a passagem pelos oceanos. Visando a obtenção do comando do mar, sendo temporário e limitado, os meios que constituirão a força naval devem possuir características que possibilitem o alcance dos objetivos prescritos (CORBETT, 1911).

## 2.2 Embasamentos históricos utilizados por Corbett

A Guerra Anglo-Espanhola (1585-1604) teve como causas motivos religiosos, políticos e comerciais, dentre os quais podemos salientar esse último como sendo o principal, visto que, era de interesse dos ingleses expandir seu comércio para o Novo Mundo<sup>9</sup>, indo de encontro ao amplo domínio espanhol na região, que foi levado a proibir que suas colônias americanas comercializassem com navios ingleses por meio da publicação de decreto, no intuito de reprimir o seu comércio marítimo. Mesmo com a ideia inicial dos ingleses, de que um comércio pacífico era mais vantajoso, foi inevitável que a referida guerra eclodisse em 1585, com o advento da viagem de Francis Drake (1537-1596), que retornava das Índias Ocidentais (CORBETT, 1898; CORBETT, 1899).

Corbett apontou que usualmente podemos definir a estratégia marítima como o cuidado em obter o domínio do mar por meio da vitória sobre a frota do inimigo, sendo isso suficiente em certas ocasiões. Contudo, o mesmo observou que são raras, como particularmente foi observado em guerras no século XVII contra os holandeses por parte dos ingleses, o que engessou o pensamento de estrategistas navais no que tange a obter o domínio do mar por meio da vitória sobre a frota do inimigo era o único modo de vencer batalhas no mar, tendo também a Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1714) sua parcela de contribuição para isso (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Contudo, o mesmo salienta que tais momentos precisam ser construídos, onde os arranjos diplomáticos do inimigo devem ser os objetivos iniciais visando a construção desses momentos, sendo seguido pela proteção ou destruição do comércio marítimo, e em uma

---

<sup>9</sup> É um dos nomes dados ao hemisfério ocidental, mais especificamente ao continente americano. O termo tem as suas origens nos finais do século XV em razão da descoberta da América por Cristóvão Colombo.

terceira etapa, dificultar as ações militares em terra. Por isso, Corbett apontou um método diferente para execução da estratégia marítima em relação à referida época, sustentando-se pelo método histórico em que apontou que o comando do mar é somente um meio para atingir o objetivo (CORBETT, 1907).

“Um almirante sem uma visão mais ampla do que considerar a frota inimiga como seu objetivo principal perderá sua verdadeira relação com as outras forças que estão trabalhando para uma questão bem sucedida da guerra; ele será incapaz de ver todas as condições do problema diante dele em suas verdadeiras proporções; e será incapaz de interpretar suas ordens ou decidir em uma situação imprevista com uma compreensão completa do objeto comum. Daí a importância de abordar o estudo da guerra marítima não do ponto de vista do que normalmente é entendido pela estratégia naval, mas do ponto de vista mais amplo das funções da frota” (CORBETT, 1907, p. 7. Tradução nossa).<sup>10</sup>

Como exposto, Corbett reforçou a importância dos ensinamentos oriundos da Guerra dos Sete Anos (1756-1763) para sustentar sua visão, em que as operações de contenção estiveram quase sempre em um nível superior de prioridade em relação ao domínio da frota principal do inimigo. Muito disso foi resultado da extrema capacidade de William Pitt (1708-1788), então Ministro da Guerra Britânico<sup>11</sup>, de combinar o uso do exército, da marinha e da diplomacia, sendo que não precisou destruir a frota principal do inimigo para quebrar a estratégia francesa, que foi forçada a realizar uma tentativa de invasão em desespero, provocando a entrega da própria frota ao adversário britânico. Reforçando que a verdadeira pretensão do seu inimigo era o domínio das rotas comerciais e o estabelecimento de estações navais em pontos focais, buscou sedimentar suas conclusões acerca de que a

---

<sup>10</sup> Texto original na língua inglesa: “ An admiral with no wider outlook than to regard the enemy's fleet as his primary objective will miss his true relation to the other forces which are working for a successful issue of the war ; he will be unable to see all the conditions of the problem before him in their true proportions ; and will be unable to construe his orders or to decide in an unforeseen situation with a thorough grasp of the common object. Hence the importance of approaching the study of maritime warfare not from the point of view of what is usually understood by naval strategy, but from the wider standpoint of the functions of the fleet”.

<sup>11</sup> Equivalente ao Ministro da Defesa, no Brasil.

guerra comercial se encontrava inserida na estratégia marítima, em que o comando do mar visa proteger as LCM (CORBETT, 1907).

Por meio disso, Corbett apresentou seu entendimento de que a expressão política era crucial, onde a estratégia é subordinada a essa, de modo que, seja implementada para alcançar os objetivos definidos pelos representantes do poder político, que necessitam ser entendidos pelos estrategistas. Com isso, a guerra é o meio para atingir os objetivos, e dessa forma, Corbett demonstrou as claras influências de Clausewitz sobre as suas ideias.

### **2.3 A influência de Corbett nas Grandes Guerras**

Sobre esse enfoque, analisaremos a influência da teoria de Corbett sobre o Almirantado da Marinha Britânica na Primeira Guerra Mundial (PGM) (1914-1918) e junto à atuação da Marinha dos EUA no Oceano Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial (SGM) (1939-1945).

#### **2.3.1 A influência de Corbett na Primeira Guerra Mundial**

Por ocasião da PGM, vamos nos prender somente à influência de Corbett junto ao Almirantado da Marinha Britânica, visto que, a sua atuação priorizou a proteção de suas LCM no Oceano Atlântico, em detrimento a atuação da Esquadra Alemã, que especulava a possibilidade da batalha decisiva. Contudo, não se apresentou como ameaça as LCM britânicas naquele oceano, uma vez que a Alemanha não realizou ações visando esse fim. A batalha de Jutlândia (31 de maio ao 1 de junho de 1916) ocorreu, onde a esquadra alemã buscou a batalha decisiva, desnortando a esquadra britânica, uma vez que, não possuía a finalidade



de derrotar a esquadra adversária, e sim, obter e manter o comando do mar por meios da proteção de suas LCM (WEGENER, 1935).

Ao final da PGM, observamos que a esquadra britânica cumpriu sua missão, dado que, as LCM no Atlântico foram protegidas, e conseqüentemente, não sofreram maiores ameaças do inimigo alemão, que após Jutlândia, permaneceu com a sua esquadra atracada, sem buscar uma nova batalha (WEGENER, 1935).

### **2.3.2 A influência de Corbett na Segunda Guerra Mundial**

Diferente da PGM, logo no início da SGM, a Alemanha buscou dominar regiões ao norte da ilha britânica, constituindo bases na Noruega, visando gerar influência nas LCM britânicas por meio da atuação dos seus meios de superfície, no entanto, foi notório que essa atuação não surtiu efeito, uma vez que não foi eficiente. Entretanto, a atuação da Alemanha partindo do território francês minou as LCM britânicas, visto que, tangenciou o efeito desejado, porém, não obteve o êxito planejado, onde a Grã-Bretanha perdurou, sendo sim, suas ações de proteção de vossas LCM exitosas, muito graças a entrada dos EUA na SGM, em dezembro de 1941 (VIO, 1997).

Cabe salientar a influência Corbettiana sobre a atuação da Marinha dos EUA, visto que, suas ações no Oceano Pacífico, frente ao Japão, buscaram negar a conquista de pontos estratégicos, por meio de seu desempenho nas Batalhas do Mar do Coral (4 a 8 de maio de 1942) e Midway (4 a 7 de junho de 1942), proporcionando assim, a execução de operações conjuntas, em que as operações terrestres foram complementadas pela estratégia marítima, no intuito de invadir o território japonês (VIO, 1997).

## 2.4 Conclusões parciais

Em face dos aspectos apresentados e por ocasião da realização da pesquisa, verificamos a atualidade da teoria apresentada por Corbett, em que destacou que a estratégia marítima visa o comando do mar por meio do controle das LCM e de posições estratégicas, sendo de características militares ou comerciais. Além disso, pode visar negar ao adversário essas possibilidades. Cabe também ressaltar que existe a necessidade da execução em tempos de paz do incremento de pontos navais para apoio e de uma frota adequada para a execução das tarefas necessárias quando a guerra eclodir. Todas essas ações necessitam ser executadas em conjunto à atuação do poder político e de ações diplomáticas.

Sua teoria indica necessidade de ajustes, que foram apresentados por outros estrategistas de comprovada capacidade, tendo como norte as demandas provenientes do poder político, de modo a contribuir para a conservação de sua teoria atualizada de acordo com a realidade de cada época.

Sendo assim, analisaremos no próximo capítulo, como a China aplicou a estratégia marítima da teoria de Corbett, no período entre meados dos anos 2000 e os dias atuais, visando a expansão do desempenho de sua Marinha de modo a atuar na ROI.

### 3 A ATUAÇÃO DA CHINA NO OCEANO ÍNDICO

A China possui uma população de aproximadamente 1,4 bilhão de habitantes e a constante demanda de recursos de toda a natureza, de modo a sustentar a vida dos mesmos, além disso, dar suporte ao crescimento do seu Produto Interno Bruto (PIB) na ordem de 8,9 % ao ano. Para tal, a ROI se apresenta com relevada importância, visto que, as LCM do Estado (FIG. 1), em grande parte, cruzam essa região de modo a atingir o mundo árabe-persa, sendo fonte de hidrocarbonetos para os chineses, além de chegar ao continente africano, fonte de recursos minerais.

Sem muita escolha a esse respeito, Pequim transparece o pragmatismo em suas ações. Desse modo, a emergente área de influência chinesa na Eurásia e na África está crescendo, não no sentido imperialista do século XIX, mas de maneira mais sutil, adequada à era da globalização, em que sua influência emana da Ásia Central ao Extremo Oriente Russo e do Mar da China Meridional ao Oceano Índico (KAPLAN, 2013).

Devido ao crescimento econômico amparado no mercado internacional, o comércio marítimo teve sua importância incrementada, remetado da exportação de produtos manufaturados e de recursos naturais oriundos de importação, sendo a base para sua produção. Entretanto, a interdependência com esses mercados gerou uma vulnerabilidade que precisa ser mitigada pelos chineses.

Assim, dividiu-se o presente capítulo em cinco subseções. A primeira apresentará o Dilema de Malaca. A segunda relacionará a estratégia da Nova Rota de Seda. A terceira será destinada a uma contextualização da estratégia do Colar de Pérolas. A quarta descreverá o desenvolvimento da proteção em águas marítimas afastadas. Por último, a quinta, será destinada às conclusões parciais.

### 3.1 Dilema de Malaca

“*Malaca Dilema*” é uma expressão desenvolvida pelo ex-líder chinês Hu Jintao, em 2003. O termo representa a possibilidade de restrição das importações de petróleo da China gerando consequências no seu desenvolvimento econômico, visto que, aproximadamente 10% da importação de gás natural e 80% das importações de petróleo do Estado passam pelo Estreito de Malaca, além de cerca de 80% das suas exportações (BUENO, 2022; EUA, 2020).

O Estreito de Malaca se localiza entre as Ilhas de Sumatra e a Península Malaia, além de Cingapura, que se localiza a leste. Com isso, Cingapura exerce domínio sobre o estreito, possuindo assim, papel crucial no comércio marítimo chinês, visto que pode ser influenciada por EUA e Índia a tomar ações opostas à China. Esse fato premente vem influenciando as decisões dos governantes chineses.

Buscando minimizar um possível efeito na sua economia devido ao Dilema de Malaca, a China verificou rotas alternativas como os Estreitos de Sunda, Lombok e Makassar, entretanto, essas rotas se mostraram insatisfatórias, devido às baixas profundidades e por serem mais longas, o que incrementa consideravelmente os custos envolvidos (MUDUNURI, 2020).

Outra alternativa são as rotas terrestres, contudo, passaria pela demanda de construir um canal através do canal Kra Istmo, pertencente à Tailândia, gerando a necessidade do controle chinês sobre esse Estado, sendo um acordo improvável por parte de Bangkok, Assim, essa alternativa se mostrou insatisfatória (MUDUNURI, 2020).

Diante das alternativas que se apresentaram, por meio do seu 14º Plano Quinquenal de 2021, em que reconheceu seus problemas estruturais, e seus líderes acreditaram na redução da dependência das importações, principalmente de

hidrocarbonetos, a China visa se tornar autossuficiente, sem comprometer a sustentabilidade do seu desenvolvimento, bem como reduzir a dependência dos mercados internacionais. Para tal, o referido plano citou que o caminho para isso passa pela inovação tecnológica, sendo encarado como questão de segurança nacional (EUA, 2021).

Sendo assim, nos últimos 15 anos, a China foi o maior investidor em fontes de energia renovável, provendo uma acelerada expansão da sua geração de eletricidade. Tal movimento ocorre em um contexto global de transição energética, com o objetivo de descarbonizar sua malha energética, além da sua economia como um todo. Entretanto, devido ao seu tamanho, os resultados desses esforços ainda são pouco expressivos. Porém, observa-se que o Estado Asiático já ocupa a posição de segundo maior centro em termos de geração de energia por meio de fonte renovável, ficando atrás somente da Europa, respondendo por aproximadamente 26% da geração mundial por meio dessas fontes e tendo um crescimento em torno de 36% ao ano no período de 2008 a 2018, reduzindo a ainda grande dependência do carvão para geração de energia, que gira em torno de 64% da malha energética<sup>12</sup> do Estado chinês (EUA, 2021).

### **3.2 “Nova Rota de Seda<sup>13</sup>”**

O atual presidente chinês, Xi Jinping (1953-), desenvolveu esse novo conceito que busca reconstituir a rota de comércio regional, visando incrementar o desenvolvimento do Estado, seguindo o exemplo da “Rota da Seda<sup>14</sup>”. A Nova Rota de Seda (FIG. 2) é uma

---

<sup>12</sup> A malha energética é uma representação quantitativa de todos os recursos energéticos disponíveis para serem utilizados nos diversos processos produtivos.

<sup>13</sup> Termo original na língua inglesa: “Belt and Road Initiative”.

<sup>14</sup> A “Rota da Seda” era uma histórica rota comercial, que ligava a China ao Ocidente, por onde eram transportados bens e ideias entre as duas grandes civilizações à época, a Romana e a Chinesa (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2021).

estratégia de desenvolvimento adotada pelo governo chinês envolvendo o engrandecimento de infraestrutura e investimentos em Estados da Europa, Ásia e África. Dentro dessa Nova Rota de Seda, está prevista uma rota marítima, visando incrementar a cooperação junto a Estados do Sudeste Asiático, do Oceano Índico, Oriente Médio e do Mar Mediterrâneo. Inicialmente, essa iniciativa foi implantada junto ao Cazaquistão e à Indonésia (JOHNSTON, 2019).

Logicamente, essas ações visam uma maior conectividade com suas fontes de recursos, objetivando proteger suas LCM. Mais do que uma visão de futuro, isso propicia uma oportunidade de desenvolvimento para os Estados que recebem os investimentos chineses. Contudo, essas ações podem gerar um domínio chinês nos assuntos globais devido ao desenvolvimento dessa rede comercial centrada na China. É o esforço para desenvolver um mercado expandido e interdependente para Pequim, aumentando seu poder econômico e político, além de desenvolver condições para os chineses construírem uma economia de alta tecnologia.

A estratégia da China como investidor estrangeiro visa incrementar o desenvolvimento em Estados da África e Ásia Central, dentre outros lugares, e se sustenta no conceito de “capital paciente” que podemos definir como o capital a ser investido no qual o parceiro se dispõem a participar do desenvolvimento do Estado anfitrião, visando o ganho para ambos os lados. Esse capital é definido por “paciente” visto que os projetos normalmente são de longa duração, podendo chegar a até dez anos ou mais. Isso significa que o investidor possui maior capacidade de enfrentar os riscos envolvidos nesses projetos frente a menor disposição do Estado anfitrião (JOHNSTON, 2019).

Sendo assim, a Nova Rota de Seda, na sua vertente marítima, vai de encontro a interesses de outros Estados na ROI, principalmente no que tange a defesa e segurança. Para

corroborar isso, destaca-se o fato que foi apresentada em março desse ano a proposta de lei que contempla a proteção militar da Nova Rota de Seda, por ocasião da realização das “Duas Sessões<sup>15</sup>”. Contudo, essa militarização permanece no âmbito do planejamento chinês. Entretanto, são contemplados por projetos que incluem investimentos em portos visando a atracação de navios da MEPL. Assim, tais ações incrementam a existência de empresas chinesas na ROI, gerando questionamentos, visto a possibilidade de uso dessas infraestruturas pelo poder militar<sup>16</sup> do Estado Chinês (BG n. 158, 2022).

Por meio da Nova Rota de Seda, Pequim vem buscando estreitar laços de cooperação junto ao Conselho de Cooperação do Golfo (CCG)<sup>17</sup>, além dos interesses econômicos, visto que todos os Estados desse conselho são assinalados como parceiros estratégicos, e aderiram ao empreendimento da Nova Rota de Seda visando angariar investimentos em infraestrutura. Outrossim, a China busca garantir sua segurança energética propiciada pela sua fonte de hidrocarbonetos no Oriente Médio, que são transportados por meio das LCM na ROI, gerando a expectativa de essas relações se estreitarem ainda mais no futuro, frente aos compromissos e às parcerias assumidos (BG n. 154, 2022).

Desde o início da Nova Rota de Seda, o Sri Lanka presta seu apoio integral ao projeto chinês, fruto disso, podemos exemplificar a construção de portos, hidrelétricas, rodovias e demais projetos de infraestrutura no Estado Cingalês, contribuindo sobremaneira

---

<sup>15</sup> É o mais alto órgão consultivo político da República Popular da China – a Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPCh), reúne milhares de legisladores, que são representantes do povo chinês em nível nacional, e de conselheiros políticos. Estes legisladores e conselheiros passam em revista e debatem sobre as ações do governo central, da legislatura nacional, do supremo tribunal e da suprema procuradoria ao longo do último ano.

<sup>16</sup> Expressão do Poder Nacional, constituída de meios predominantemente militares de que dispõe a nação para, sob a direção do Estado, promover pela dissuasão ou pela violência a conquista dos objetivos nacionais ou sua manutenção (BRASIL, 2015).

<sup>17</sup> O Conselho de Cooperação do Golfo, ou CCG, é a organização de integração econômica que reúne seis estados do Golfo Pérsico: Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait. Cabe destacar que nem todos os estados que rodeiam o Golfo Pérsico são membros do conselho, especificamente Irã e Iraque.

para o incremento da atuação de Pequim na ROI frente à Índia. Resultado disso, a China se transformou no maior parceiro de importação do Sri Lanka, ultrapassando a Índia no quesito investimento estrangeiro direto em 2011. Devido a essas ações, é latente a preocupação de Nova Délhi, visto a proximidade das suas LCM e a imediação geográfica do vizinho cingalês (BG n. 146, 2021).

### 3.3 “Colar de Pérolas”

O presente conceito traduz a estratégia expansionista utilizada pela China que visa alastrar sua influência ao longo das LCM que vão do Mar do Sul da China até o Mar Mediterrâneo, tendo o Oceano Índico como passagem. Essa expressão foi utilizada pela primeira vez em um documento norte-americano intitulado *Energy Future in Asia*. O referido conceito é identificado como uma ação político-militar que se destina a propiciar à MEPL facilidades logísticas por meio de portos estrategicamente distribuídos ao longo das principais LCM (VÁZQUEZ, 2013).

Cabe ressaltar que o Exército Popular de Libertação (EPL) é uma força militar unificada composta pelas: Força Terrestre do EPL, Marinha do EPL, Força Aérea do EPL, Força de Mísseis Balísticos do EPL, Força de Apoio Estratégico do EPL e Força de Apoio Logístico Conjunto (CHINA, 2019).

O Colar de Pérolas é composto por uma série de bases aéreas e navais, portos comerciais e centros de inteligência posicionados de modo a contornar a Índia, além das penínsulas do Chifre da África, da Arábica, da Indostânica e da Indochina (VASQUEZ, 2013), estrangulando essa região e incrementando a influência chinesa.



Em questão de relevância, destacam-se quatro pérolas do colar (FIG. 3), dentre as quais, ressaltamos o porto de Gwadar, no Paquistão, sendo de importância econômica e geoestratégica, visto que possibilita o monitoramento das atividades das marinhas de Índia e do EUA na ROI. Sua importância é incrementada considerando-se que se encontra a somente 240 milhas náuticas do Estreito de Ormuz, sendo um ponto de estrangulamento das LCM chinesa e de extrema relevância para o comércio mundial (PEHRSON, 2006).

Outra pérola do colar é o Djibouti, que fica nas proximidades de um ponto de estrangulamento das LCM, Bab El-Mandeb, local de acesso aos portos da Etiópia e da África Oriental, e onde a China intensifica sua presença por meio de desenvolvimento de projetos de infraestrutura, além da sua primeira base militar no exterior, inaugurada em 2017 (PEHRSON, 2006).

A terceira pérola do colar é a região do Mar do Sul da China, visto que é onde o Estreito de Malaca se dispõe, além de propiciar uma saída para o Oceano Pacífico. A região possui relevância nas perspectivas geográfica, comercial e de recursos naturais. Sendo assim, seu controle propiciaria à China o incremento no quesito de segurança doméstica (CONDON et al., 2017).

A última pérola do colar é a região do Sri Lanka, local que pertence à Nova Rota de Seda e é vizinho do Estado antagonista na ROI, a Índia, sendo assim, estrategicamente posicionado (VÁZQUEZ, 2013).

Outrossim, é possível identificar que Pequim vem aumentando sua influência na ROI de modo a incrementar a capacidade de proteção das suas LCM por meio do Colar de Pérolas, buscando controlar posições estratégicas da região.

### 3.4 Desenvolvimento da proteção em águas marítimas afastadas

No final do século XX, a estratégia marítima da China passou por duas grandes mudanças, sendo observado no início da década de 1980, uma estratégia voltada para a “defesa próxima à costa”, que serviu de base para o desenvolvimento da estratégia voltada para “defesa ativa perto do mar”, implementada após a metade da década de 1980. Essa Estratégia deu suporte para uma estratégia que teve seu desenvolvimento iniciado em meados dos anos 2000, que visou capacitar a MEPL a desenvolver “operações em mares distantes”.

Logo após esse período, Pequim buscou a evolução da sua estratégia marítima, progredindo para o desenvolvimento das suas capacidades de forma a atuar em “operações em alto mar”, proporcionando um incremento considerável da MEPL (FIG. 4). Toda essa evolução foi realizada sob orientação política, que estabeleceu metas a serem atingidas, combinado ao suporte gerado pelo abrupto crescimento da economia chinesa, e por consequência, o incremento nos gastos com o setor de defesa (LI, 2011).

As metas definidas pelo poder político foram atualizadas em 2019, por meio do Livro Branco de “Defesa Nacional da China na Nova Era<sup>18</sup>”, o qual definiu:

“Os objetivos estratégicos para o desenvolvimento da defesa nacional e militar da China na nova era são: atingir a mecanização em geral até o ano de 2020 com informatização significativamente aprimorada e capacidades estratégicas muito aprimoradas; avançar de forma abrangente a modernização da teoria militar, estrutura organizacional, pessoal militar e armamento e equipamento em sintonia com a modernização do Estado e basicamente completar a modernização da defesa nacional e das forças armadas até 2035; e transformar totalmente as forças armadas populares

---

<sup>18</sup> Nome original na língua inglesa: “China’s National Defense in the New Era” (tradução nossa).

em forças de classe mundial até meados do século XXI” (CHINA, 2019. p. 10. Tradução nossa)<sup>19</sup>.

Contudo, essas metas precisam ser sustentadas ao longo do tempo, e podemos notar que vem acontecendo, visto que, no período de 2012 a 2017, por exemplo, os gastos com defesa aumentaram de aproximadamente 670 bilhões de renminbis<sup>20</sup> para 1,04 trilhões de renminbis, significando um incremento médio de 9,42%. Tendo como base o PIB chinês, esses gastos refletem algo em torno de 1,28% dele e 5,26% dos gastos governamentais. Esses valores em termos mundiais significam que a China possuía o segundo maior gasto com defesa, e Pequim atribuiu esses valores as suas demandas para defesa nacional, pela dimensão econômica do Estado e pela natureza defensiva de sua política de defesa nacional. Em consonância com o seu desenvolvimento econômico, a expectativa que seus gastos com defesa se mantenham com crescimento moderado e constante (CHINA, 2019).

A implementação da capacidade para operar em alto mar, a proteger suas LCM em águas marítimas afastadas, passa pelo incremento qualitativo e quantitativo dos meios subordinados a MEPL. Para tal, Pequim mantém seu projeto que se desenrola por mais que 25 anos, abrangendo uma elevada gama de navios, aeronaves e armamentos, além do incremento na capacidade de apoio logístico fixo e móvel, e complementado pela constante busca na melhoria de sua doutrina, qualificação de pessoal, treinamento e execução de exercícios militares (O’ROURKE, 2021).

A MEPL é a maior do Leste Asiático, e recentemente, ultrapassou a Marinha dos EUA em questões quantitativas, quando se refere a força de batalha, sendo assim, a maior do

---

<sup>19</sup> Texto original na língua inglesa: “The strategic goals for the development of China’s national defense and military in the new era are: to generally achieve mechanization by the year 2020 with significantly enhanced informationization and greatly improved strategic capabilities; to comprehensively advance the modernization of military theory, organizational structure, military personnel, and weaponry and equipment in step with the modernization of the country and basically complete the modernization of national defense and the military by 2035; and to fully transform the people’s armed forces into world-class forces by the mid-21st century”.

<sup>20</sup> Um dólar americano é igual a aproximadamente 6,7 renminbis (Conversão realizada em julho de 2022).

mundo numericamente. Entretanto, no quesito qualitativo, a MEPL se encontra abaixo do nível norte-americano, visto que, sua espinha dorsal é estruturada por submarinos de ataque com propulsão a diesel, fragatas e corvetas, enquanto que, a marinha dos EUA é formada principalmente por submarinos com propulsão nuclear, cruzadores, destróieres, além de um significativo número de Navios-aeródromo de propulsão nuclear (O'ROURKE, 2021) (FIG. 5, 6 e 7).

Contudo, ciente das suas limitações e fraquezas, que incluem operações conjuntas em guerra antissubmarina, desmembramento em longo alcance, capacidade de reabastecimento no mar, treinamento de pessoal para operar seus novos meios e falta de experiência recente em combate, Pequim vem trabalhando no sentido de reduzir tais limitações e fraquezas (O'ROURKE, 2021).

Resultado, na área de material, é notório o incremento quantitativo e qualitativo da MEPL, que de forma gradativa, substitui seus meios e desenvolve a capacidade de operar em mares distantes visando a proteção em águas marítimas afastadas. Buscando exemplificar, ressaltamos a composição atual da sua frota de submarinos em tornos de sessenta e seis meios, formados basicamente de submarinos de ataque de propulsão a diesel (SS), além de uma pequena quantidade de submarinos de ataque de propulsão nuclear (SSN) e submarinos lançadores de míssil balístico de propulsão nuclear (SSBN), gerando a expectativa que atinja a marca de setenta e seis submarinos em 2030, sendo cinquenta e cinco SS, treze SSN e oito SSBN. Observadores estimam que os SSBN da classe Jin podem transportar doze mísseis balísticos lançados por submarino (SBLM) (O'ROURKE, 2021).

Em relação aos meios de superfície, cabe ressaltar que seu primeiro Navio-aeródromo, batizado de Liaoning, entrou em operação em 2012, seguido pelo Shandong em 2019, cujo meio representou um grande avanço para Pequim, por ser totalmente construído

em território nacional. Pudemos assistir em junho de 2022, por meio de diversas mídias, o lançamento do Navio-aeródromo Fujian, cujo meio apresentou como avanço tecnológico, a disponibilidade do sistema de catapulta eletromagnética, o que aumenta consideravelmente o poder de combate das aeronaves que operem a partir dele. A expectativa que o Fujian entre em operação em 2024, seguindo o tempo dos seus antecessores. Com isso, Pequim gerou a expectativa que os seus próximos Navios-aeródromo sejam de propulsão nuclear e que atinja a quantidade total de seis unidades (O'ROURKE, 2021).

No intuito de operar em escolta a seus Navios-aeródromo, a MEPL vem incrementando sua capacidade de defesa antiaérea, antinavio e antissubmarino com a construção de fragatas, destróieres e corvetas, onde podemos ressaltar as Classes Renhai (Tipo 055), Luyang II (Tipo 52D), Jiangkai II (Tipo 54A), Jiangdao (Tipo 56), sendo que uma grande quantidade já se encontra em plena operação no valor total estimado de aproximadamente noventa unidades (O'ROURKE, 2021).

No âmbito das operações anfíbias, o projeto de modernização naval da MEPL foi contemplado com a construção das Classes Yuzhao (Tipo 71) e Yushen (Tipo 75), dos quais cinco unidades já se encontram em operação, além de outras duas unidades que foram lançadas recentemente, sendo complementado pela construção de mais cinco unidades que estão em andamento. Observadores especulam que a China estaria planejando construir uma nova classe de navio de assalto anfíbio, que seria equipada com catapulta eletromagnética (O'ROURKE, 2021).

No espectro das armas, chamou a atenção de diversos observadores o desenvolvimento de uma elevada gama de mísseis, dentre os quais destacam-se os de característica balística, que já tiveram sua eficiência comprovada por meio de testes realizados ao acertar um navio em movimento, como afirmado pelo Almirante Philip Davidson (1960-),

em entrevista realizada em 03 de dezembro de 2020, sendo o então comandante do Comando da Frota do Indo-Pacífico da Marinha dos EUA (O'ROURKE, 2021).

Em conjunto ao desenvolvimento da capacidade do poder naval, o EPL vem desenvolvendo diversos meios, como aeronaves de alerta aéreo antecipado modelo KJ-600, aeronaves de ataque modelo J-15, além do significativo aumento de meios de sua guarda costeira e de sua milícia marítima<sup>21</sup> (FIG. 8) que inclui considerável quantidade de barcos de pesca (O'ROURKE, 2021).

No âmbito da qualificação do seu pessoal, em que se sobressai a falta de experiência recente em combate, o EPL vem buscando realizar adestramentos e exercícios combinados aos seus aliados e vizinhos do Indo-Pacífico, servindo também para demonstração de força aos EUA (O'ROURKE, 2021).

Como resultado dos esforços realizados por meio do projeto de desenvolvimento, a MEPL vem incrementando as suas capacidades qualitativamente e quantitativamente desde de 2008, além da realização de treinamentos e operações antipirataria (FIG. 3) nas proximidades da Somália, chegando a expressiva marca de trinta forças-tarefa, que por meio de revezamento, realizam escolta de navios mercantes (O'ROURKE, 2021).

Esses movimentos evidenciam o incremento de capacidade para realizar ações de proteção em águas afastadas, visando resguardar suas LCM e garantir o suprimento de hidrocarbonetos provenientes do mundo árabe-persa e recursos minerais do continente africano. Para tal, o apoio logístico fixo<sup>22</sup> se mostra crucial ao operar em águas afastadas, e

---

<sup>21</sup> A criação da *People's Armed Forces Maritime Militia* (PAFMM) remonta a época de Mao Tsé Tung, em que a idealização dessa milícia, após a guerra civil chinesa, era importante para defender a China de possíveis incursões das forças nacionalistas à sua costa, pois naquela época não havia uma marinha organizada, o que era uma grande vulnerabilidade a sua segurança.

<sup>22</sup> Estrutura onde o apoio é prestado nas organizações fixas que, em sua maioria, já existem desde o tempo de normalidade, as quais permanecem prestando o apoio necessário em situação de conflito (BRASIL, 2015).

assim, Pequim vem utilizando, desde a inauguração em 2017, a sua primeira base militar no exterior, localizada na costa oriental do África, na região de Djibouti. Cabe ressaltar que a referida região pertence ao Colar de Pérolas, tendo assim, relevante importância.

“Embora um Estado possa se tornar forte, a belicosidade levará à sua ruína. A nação chinesa sempre amou a paz. Desde o início dos tempos modernos, o povo chinês sofreu agressões e guerras, e aprendeu o valor da paz e a necessidade premente do desenvolvimento. Portanto, a China nunca infligirá tais sofrimentos a nenhum outro Estado. Desde sua fundação, há 70 anos, a República Popular da China (RPC) nunca iniciou nenhuma guerra ou conflito. Desde a introdução da reforma e abertura, a China se comprometeu a promover a paz mundial e reduziu voluntariamente o EPL em mais de 4 milhões de soldados” (CHINA, 2019. p. 7. Tradução nossa)<sup>23</sup>.

Ao deixar explícito em documento oficial as afirmativas destacadas, Pequim entra em contradição com as ações desenvolvidas por meio do seu projeto de melhoria do EPL, visto a expressividade dos números apresentados até hoje, além das projeções até seu término planejado para 2035, em questões qualitativas, e principalmente, quantitativas. Sendo assim, fica evidente a ofensividade das ações adotadas, e conseqüentemente, tais afirmações no “Livro Branco de Defesa Chinês”, não garantem uma quietude na ROI. Podemos interpretar as palavras apresentadas como meio de manter a possibilidade de uso futuro em múltiplas direções de acordo com as necessidades do governo chinês conjuntamente às características pragmáticas que norteiam suas decisões estratégicas.

---

<sup>23</sup> Texto original na língua inglesa: “Though a country may become strong, bellicosity will lead to its ruin. The Chinese nation has always loved peace. Since the beginning of modern times, the Chinese people have suffered from aggressions and wars, and have learned the value of peace and the pressing need for development. Therefore, China will never inflict such sufferings on any other country. Since its founding 70 years ago, the People’s Republic of China (PRC) has never started any war or conflict. Since the introduction of reform and opening-up, China has been committed to promoting world peace, and has voluntarily downsized the PLA by over 4 million troops”.

### 3.5 Conclusões parciais

A China pratica uma política nacional direcionada ao desenvolvimento de ações visando desenvolver capacidade de proteção em águas marítimas afastadas para garantir suas LCM, e assim, atua na ROI por meio de ações designadas como a Nova Rota de Seda e a estratégia do Colar de Pérolas, gerando alternativas às dificuldades apresentadas pelo Dilema de Malaca. Desse modo, identificamos características da teoria de Corbett a respeito do controle das LCM e de posições estratégicas, além do incremento de pontos navais de apoio. O incremento qualitativo e quantitativo dos meios subordinados a MEPL é resultado do projeto que se desenrola por mais de 25 anos, abrangendo uma elevada gama de meios. Portanto, podemos observar aspectos da teoria de Corbett correlacionados ao desenvolvimento de uma frota adequada para a execução das tarefas necessárias quando a guerra eclodir.

Refletimos que Pequim vem desenvolvendo um mercado expandido e interdependente centrado em si, em que a estratégia da Nova Rota de Seda se mostra como ferramenta principal, tendo destaque as ações junto ao Paquistão. Dessa maneira, presenciemos concordâncias com a teoria de Corbett no que concerne a atuação da expressão política e o desenvolvimento de ações diplomáticas. Assim, ao criar uma relação de dependência com os beneficiados por suas ações, Pequim gera a possibilidade de atuação junto a esses Estados apoiados no intuito de defender seus interesses na ROI, de modo a construir condições para Pequim exercer suas influências políticas e talhar um ambiente estratégico vantajoso na região. No próximo capítulo, vamos examinar se a estratégia marítima da Índia na ROI teria aderência à teoria de Corbett descrita no segundo capítulo.



#### 4 A ATUAÇÃO DA ÍNDIA NO OCEANO ÍNDICO

A Índia nutre divergências acentuadas junto a China devido a questões políticas, diplomáticas e estratégicas. Podemos notar que ambos os lados não mostram disposição para eliminar tais questões, e assim, lançam mão de instrumentos para pressionar um ao outro. Com isso, as diferenças entre ambos os países transbordam para a área marítima, tendo destaque a ROI.

As relações entre Índia e China não guardam um histórico significativo, contudo, possuem relevante disputa de fronteira terrestre que passou por recentes interações, com uma crise militar em 2017<sup>24</sup>, uma tentativa de aproximação em 2018 e um embate sucedido em 2020<sup>25</sup> na região do Himalaia. Entretanto, ambos Estados são potências nucleares e possuem uma das maiores relações comerciais do mundo, fatos que conduzem a convivência para uma posição pautada no equilíbrio e permanente desconfiança (XAVIER, 2020a; XAVIER, 2020b).

As preocupações de Nova Délhi foram agravadas com a presença da MEPL na ROI devido a relatos que a Força Naval chinesa aumentaria o seu efetivo em 15%, chegando a aproximadamente 270.000 militares, sendo esse aumento destinado a atender as necessidades do Corpo de Fuzileiros Navais visando a proteger as suas LCM e seus interesses no exterior. Assim, criaria condições favoráveis a manter aproximadamente 100.000 militares distribuídos por Djibouti, no Chifre da África e Gwadar, no Paquistão (SAKHUJA, 2017).

Dentro de um passado recente, a Índia dedicava maior atenção a sua parcela terrestre, contudo, devido aos avanços da tecnologia militar e o desenvolvimento da sua

---

<sup>24</sup> Em 2017, os países passaram 72 dias em confronto na área de Doklam, na fronteira entre China, Índia e Butão.

<sup>25</sup> A violência envolveu o uso de armas improvisadas. Segundo autoridades indianas, vinte dos seus militares foram mortos. Do lado chinês, os soldados indianos foram acusados de terem cruzado a fronteira por duas vezes. Contudo, os indianos alegaram que apenas se defenderam das agressões inimigas.

economia, Nova Délhi se viu capaz de realizar importantes aquisições e aumentar a capacidade da sua indústria naval. Em complemento, se viu ameaçado pelo vizinho chinês, diante das suas ambições navais, que partem do Pacífico Oriental e demandam na direção da ROI. Assim, a Índia se viu obrigado a direcionar suas atenções de modo a desenvolver a capacidade de se contrapor as aspirações de Pequim na ROI (KAPLAN, 2013).

Por conseguinte, a Índia despontou como um poder marítimo e um centro econômico mundialmente relevante, visando recuperar sua pertinência na geopolítica regional. Para tal, elaborou a *Indian Maritime Security Strategy*, em 2015, que identificou a possibilidade de exercer uma liderança positiva junto a seus aliados na ROI por meio de uma associação visando construir uma esfera favorável sustentada por interesses comuns relativos a ROI (UPADHYAYA, 2020).

Dessa forma, analisaremos a seguir a estratégia marítima da Índia voltada para seu entorno caracterizado pela ROI à luz da teoria anteriormente apresentada. Sendo Assim, dividiu-se o presente capítulo em três subseções. A primeira apresentará a estratégia marítima da Índia. A segunda relacionará a estratégia de desenvolvimento de bases e pontos estratégicos na ROI. E por último, a terceira, será destinada às conclusões parciais.

#### **4.1 A Estratégia Marítima da Índia**

A Índia vem sendo impactada pela constante presença de meios chineses na ROI, principalmente submarinos, mas também, por meio de missões antipirataria no Golfo de Áden. Além disso, as infraestruturas desenvolvidas por Pequim na região contribuem sobremaneira para tal, principalmente as associadas às estratégias da Nova Rota de Seda e do Colar de Pérolas.

Cabe ressaltar que 90% em volume e 70% em valor do seu comércio exterior é realizado por meio de LCM, e assim, a Índia testemunhou um significativo aumento da dependência do ambiente marítimo, à medida que suas expressões econômica, militar e científico-tecnológica se desenvolviam, e conseqüentemente, suas relações globais. Assim sendo, os interesses políticos e de segurança nacional se expandiram além da ROI, gerando reflexos nas doutrinas marítimas indianas promulgadas em 2004 e 2009, além da Estratégia Militar Marítima Indiana (EMMI) de 2007. Devido a crescente dependência das LCM para importação e exportação de produtos essenciais, como hidrocarbonetos e commodities, é latente a preocupação com as ameaças tradicionais<sup>26</sup>, por serem a de maior nível, e não tradicionais<sup>27</sup>, por serem as mais prováveis, e podendo assim impactar os interesses indianos (ÍNDIA, 2015a).

O Plano de Perspectiva de Capacidade Marítima da Marinha (PPCMM) de 2005 definiu como meta a quantidade de 160 navios, dentre os quais, 90 navios como fragatas e destróieres, a construção do terceiro Navio-aeródromo, além de seis submarinos nucleares, constituindo assim, uma frota equilibrada e multidimensional, o que é necessário para obter o controle do mar além das águas costeiras. Desse modo, visa constituir três grupos nucleados em Navios-aeródromo, sendo um a leste, um a oeste e outro para reserva (UNNITHAN, 2015).

---

<sup>26</sup> Referem-se a Estados com capacidade e recursos militares organizados, que abrigam postura adversária e intenção inimiga em relação à Índia. Representam um nível mais alto de ameaça aos interesses de segurança nacional (ÍNDIA, 2015a).

<sup>27</sup> Ameaças como terrorismo, pirataria, roubo armado no mar, atividades não regulamentadas no mar (pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (IUU), proliferação da segurança armada privada, tráfico e contrabando), mudanças climáticas e desastres ambientais.

#### 4.1.1 A Evolução da Estratégia Militar Marítima Indiana no Século XXI

Por ocasião do Século XXI, a estratégia marítima indiana teve como referência o documento EMMI de 2007, sendo que especialistas, como James Holmes, professor do *US Naval War College*, observaram por meio de um artigo na *The National Interest*<sup>28</sup>, que a sua grande deficiência seria a ausência de indicação de um verdadeiro “inimigo”, e caso existisse, daria maior atenção e propósito aos esforços de dissuasão naval na ROI (SINGH, 2015).

Em consequência, a atualização realizada por meio da EMMI de 2015 definiu que o foco deveria ser:

- Combater a persistência das ameaças que emanam do mar e no mar;
- Fortalecer os mecanismos de coordenação e cooperação interinstitucional; e
- Desenvolver uma estrutura de segurança marítima perfeita e coesa (ÍNDIA, 2015a).

Por conseguinte, essa publicação vem refletir a preocupação de a Marinha Indiana em desenvolver capacidade para exercer a dissuasão, projetar o poder marítimo, fornecer segurança marítima e salvaguardar seus interesses marítimos. Além disso, definiu que a estratégia para o conflito deveria ser centrada em várias ações operacionais, que incluem manobra marítima, ataque, controle do mar, negação do mar, interdição de LCM, proteção de LCM, defesa costeira e *offshore*<sup>29</sup>, guerra de informação e gerenciamento de escalada em coordenação com as demais forças armadas e agências nacionais (ÍNDIA, 2015a).

Contudo, os documentos de política marítima da Índia traçaram orientações principalmente a resolver crises em tempos de paz, preservando os interesses da Marinha Indiana e a posição regional na ROI. Para a elite estratégica indiana, abrandar a atuação

---

<sup>28</sup> Revista Norte-americana especializada em assuntos relacionados a política externa.

<sup>29</sup> Expressão da língua inglesa que significa “no mar”, ou “marítima”, muito usada no setor petrolífero.

chinesa na ROI por meio do uso da força é uma proposta demasiadamente problemática. Corroborando isso, durante a década de 2000, as relações políticas e econômicas apresentaram relevante melhora entre os dois países (SINGH, 2015).

#### **4.1.2 O desenvolvimento da Estratégia de Dissuasão**

Diversos analistas indianos ressaltam a natureza conturbada da relação política entre Pequim e Nova Délhi, devido a isso, a Marinha Indiana deveria assumir uma posição significativa em dissuasão estratégica. Face ao exposto, desde 2012, diversas medidas foram adotadas, sugerindo que os movimentos convergiam para a nuclearização do seu poder naval<sup>30</sup>, materializado pela criação do Comando de Forças Estratégicas Navais, de modo a estabelecer uma base dissuasória no mar. Destarte, A Marinha Indiana lançou em 2009, o INS Arihant, que foi o primeiro submarino nuclear construído em território nacional, o que tornou a Índia o sexto Estado a dominar a tecnologia de construção desse tipo de meio.

O INS Arihant apresentou-se de modo a atuar em complemento ao INS Chakra, meio alugado juntamente à Marinha Russa por meio de um contrato de arrendamento de dez anos, servindo de plataforma de teste e treinamento das tripulações que operarão os submarinos construídos para a Marinha Indiana, como é o INS Arighat, que se encontrava em prova de mar em 2021, mas teve seu comissionamento atrasado devido à Pandemia COVID-

---

<sup>30</sup> Parte integrante do Poder Marítimo capacitada a atuar militarmente no mar, em águas interiores e em certas áreas terrestres limitadas de interesse para as operações navais, incluindo o espaço aéreo sobrejacente. Compreende as Forças Navais, incluídos os meios navais, aeronavais próprios e de fuzileiros navais, suas bases e posições de apoio e suas estruturas de comando e controle, logísticas e administrativas, bem como os meios adjudicados pelos poderes militares terrestre e aeroespacial, e outros meios, quando vinculados ao cumprimento da missão da Marinha e submetidos a algum tipo de orientação, comando ou controle de autoridade naval (BRASIL, 2015. p. 212).

19<sup>31</sup>. Além disso, imagens de satélites apontaram para o lançamento, em novembro de 2021, do terceiro submarino nuclear indiano (BIGGERS, 2021; SMITH, 2017).

Com isso, a Marinha Indiana está presenciando um incremento nas suas capacidades, com destaque a antissubmarina, em que foram adquiridos novos meios utilizando fontes estrangeiras ou estaleiros nacionais (SAKHUJA, 2017).

Em continuidade às ações iniciadas em 2012, a EMMI de 2015 evidenciou a confiança na dissuasão pela negação e pela punição, que compõem a estratégia nacional de dissuasão global, em que a sinergia dos componentes do poder nacional, que são o político, o diplomático, o informacional, o militar e o econômico contribuirão para expansão estratégica, que depende da credibilidade junto ao potencial adversário. Assim sendo, a Marinha Indiana contribuirá para essa estratégia por meio da sua capacidade, postura e ações (ÍNDIA, 2015a).

Narendra Modi (1950-), primeiro-ministro indiano desde de 2014, ao se manifestar por meio da sua rede social, evidenciou a importância do feito, em que o Submarino INS Arihant realizou sua primeira patrulha de dissuasão, e assim, tendo a capacidade de operar com segurança, provendo a Nova Délhi a capacidade de dissuadir seus inimigos, visto a capacidade de lançar mísseis balísticos nucleares.

“Orgulho da Índia, o submarino nuclear INS Arihant completou com sucesso sua primeira patrulha de dissuasão! [...] Numa era como esta, uma dissuasão nuclear credível é a necessidade de momento. O sucesso do INS Arihant dá uma resposta adequada para aqueles que se entregam à chantagem nuclear”<sup>32</sup> (MODI, 2018, Tradução nossa).

---

<sup>31</sup> Em onze de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde como uma pandemia. O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2.

<sup>32</sup> Texto original na língua inglesa: “India’s pride, nuclear submarine INS Arihant successfully completed its first deterrence patrol! [...] In an era such as this, a credible nuclear deterrence is the need of the hour. The success of INS Arihant gives a fitting response to those who indulge in nuclear blackmail”.

O entusiasmo do primeiro-ministro indiano é justificado, visto que, seu país passou a deter a capacidade de lançar armas nucleares por terra, água e submerso, juntando-se a seleta elite que era composta por EUA, França, Rússia e China (GALANTE, 2021).

O segundo Navio-aeródromo indiano iniciou seus testes de navegação em agosto de 2021, embarcação desenvolvida e fabricada nacionalmente. O INS Vikrant (Fig. 9) possibilitará um significativo incremento de capacidade de controle de área marítima a Marinha Indiana de modo a fazer frente à atuação da MEPL na ROI, em complemento as capacidades apresentadas pelo Navio-aeródromo INS Vikramaditya, comissionado em 2013. A expectativa é de que o meio seja comissionado ainda no ano de 2022. Outrossim, devido a restrições financeiras, traduzidos pela alocação escassa de 15% do orçamento militar indiano, a concretização da construção do terceiro Navio-aeródromo indiano não deve ocorrer a curto prazo (BARUAH, 2020; BG n. 145, 2021; PODER NAVAL, 2022).

Após os ataques de 26 de novembro de 2008 em Mumbai<sup>33</sup>, Nova Délhi incrementou sua capacidade de vigilância para proteger sua costa, estabelecendo um dispositivo multicamadas, por meio de radares, sistema de identificação automática (AIS) e sistemas de identificação e rastreamento de longo alcance (LRIT), alimentando de informações, em tempo real, o *National Command Control Communication Intelligence Network* (NC3IN), de modo a garantir uma vigilância sem lacunas ao longo de sua costa, entretanto, o sistema não possui capacidade de rastrear movimentos abaixo da superfície, e assim, apresenta restrição à detecção e vigilância de submarinos. Dessa forma, a segurança marítima do país, incluindo a região costeira e *offshore*, retornou a ser de responsabilidade da Marinha Indiana, e conseqüentemente, a garantia da prosperidade e do crescimento do país

---

<sup>33</sup> Em 26 de novembro de 2008, dez atentados terroristas sincronizados atingiram a cidade indiana de Mumbai, conhecida como capital financeira e maior cidade do país. 195 pessoas, incluindo vinte e dois estrangeiros, foram confirmados como mortos, e cerca de 327 pessoas ficaram feridas.

ao longo do século XXI que estão intimamente associados ao domínio marítimo (ÍNDIA, 2015a; SINGH, 2015).

#### 4.1.3 Política do “*Made in India*”

O “plano de indigenização de 15 anos” foi promulgado pela primeira vez em 2003, sendo revisado em 2008 com intuito de nortear as ações no período de 2008 a 2022, tendo o objetivo de projetar e construir navios de guerra e submarinos de última geração, que hoje acontece por meio da construção em estaleiros nacionais. Nesse sentido, a Marinha Indiana desenvolveu o Plano de Indigenização Naval Indiana (INIP) 2015-2030, visando dar um passo adiante na indigenização dos seus meios. O objetivo é incrementar a ligação entre a indústria nacional e a Marinha Indiana no intuito de desenvolver localmente armas, sensores e outros equipamentos de ponta, e conseqüentemente, a autossuficiência do país nesse ponto vital da tecnologia de defesa. Entretanto, até que esses equipamentos estejam disponíveis, permanece a necessidade de aquisição para atender os requisitos operacionais da Marinha Indiana (ÍNDIA, 2015b).

Esse plano é sustentado por dois pilares, um que goza do potencial de processamento de dados da *Defense Research and Development Organisation (DRDO)*<sup>34</sup> e o outro composto por transferência de tecnologia. Os equipamentos a bordo dos navios nas categorias “*Float*”, “*Move*” e “*Fight*” foram indigenizados em 90%, 60% e 30%, respectivamente. Sendo assim, os índices demonstram que a autossuficiência foi atingida na

---

<sup>34</sup> A Organização de Pesquisa e Desenvolvimento de Defesa ( DRDO ) é a principal agência do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento de Defesa do Ministério da Defesa do Governo da Índia , encarregada da pesquisa e desenvolvimento militar.



primeira categoria, contudo, a segunda categoria alcançou um índice razoável e a terceira apresenta um considerável déficit (ÍNDIA, 2015b) (Fig. 10).

#### 4.1.4 Iniciativa Indiana junto a outros atores da Região do Oceano Índico

O tabuleiro geopolítico representado pela ROI é caracterizado pela atuação de múltiplos atores. Historicamente, Nova Délhi manteve uma postura contrária a presença de potências extrarregionais, entretanto, ao longo do século XXI, suas ações convergiram no sentido contrário, ao identificar uma oportunidade de reestabelecer o equilíbrio na região frente à crescente atuação de Pequim. Para tal, vem buscando desenvolver relações bilaterais (UPADHYAYA, 2020).

Após o cancelamento do contrato, realizado pela Austrália, para a construção de submarinos junto a empresa Francesa *Naval Group*, Paris preferiu estabelecer novas alianças estratégicas, tendo Nova Délhi como parceiro, de modo a reforçar as relações entre ambos países. Essa aliança visa gerar frutos no domínio cibernético, além de incrementar os exercícios navais bilaterais (BG n. 152, 2021). A França possui os territórios insulares *de La Reunion* e *Mayotte* na ROI, e assim, estabeleceu relação junto a Índia em 2018, possibilitando o uso das suas instalações para reparos e suprimentos, propiciando à Marinha Indiana um ponto naval de apoio no setor oeste da ROI. Aditivamente, o governo francês tem demonstrado apoio a Nova Delhi diante dos demais Estados da região (GP n. 69, 2018; UPADHYAYA, 2020).

Dessa forma, a relação militar entre ambos países se intensificou nos últimos anos, sendo materializada pela escolha das aeronaves de ataque *Rafale* e dos submarinos *Scorpene*, para comporem o portfólio das Forças Armadas Indianas, sendo ambos de origem francesa.

Outrossim, essas ações se opõem à expansão chinesa na ROI, caracterizando o objetivo comum entre Paris e Nova Délhi (BG n. 69, 2018; UPADHYAYA, 2020).

Adicionalmente, podemos apontar a iniciativa indiana juntamente a outros atores do ROI, como: ajuda financeira a Força Aérea de Bangladesh; construção de porto em Myanmar; instalações de cooperação junto às Ilhas Maldivas e Sri Lanka; e permissão para instalação de equipamentos de comunicações navais nas Ilhas Maurício e Madagascar. Essas políticas demonstram a crescente atuação da Índia na ROI, visando incrementar a segurança marítima na região (JOY, 2021) (FIG. 12).

As relações bilaterais junto aos EUA tiveram seu início em 2014, e evoluíram em 2017, como resultado da identificação do Indo-Pacífico como um novo teatro em sua Estratégia de Segurança Nacional, por parte dos norte-americanos (BARUAH, 2020). Em consequência, observamos que os EUA assumiram a posição de maior fornecedor de defesa à Índia, no ano de 2020 (UPADHYAYA, 2020).

Aditivamente, a Marinha Indiana vem buscando desenvolver sua doutrina de grupo de ataque por meio da interoperabilidade, para tal, tem realizado exercícios bilaterais e multilaterais com EUA, Omã, Reino Unido, Sri Lanka, Brasil, África do Sul, Cingapura, Japão, França, Austrália, Rússia e Indonésia (SMITH, 2017) (FIG. 13).

Dessa forma, cabe evidenciar o aumento da importância do *Quadrilateral Security Dialogue* (QUAD)<sup>35</sup>, o qual desde 2017, demonstra uma crescente contribuição em segurança marítima dos EUA, Japão e Austrália, para com a Índia, onde a reação às ações de Pequim na ROI é o principal fato motivador (UPADHYAYA, 2020).

---

<sup>35</sup> A sigla QUAD (Quadrilateral Security Dialogue) significa “Diálogo Quadrilateral de Segurança” e reúne Índia, Japão, Austrália e EUA. Sendo estabelecido pela primeira vez em 2007-2008.

Ressalta-se que não foram detalhadas todas as relações bilaterais dos atores presentes na ROI junto a Nova Délhi, contudo, é notória a reação frente à atuação chinesa na região, de modo a obter pontos de apoio, consequência do desenvolvimento de cooperações visando a proteção de suas LCM na ROI, por meio de ações diplomáticas realizadas pelo poder político.

#### 4.1.5 Política do “Act East”

A Índia possui uma estreita relação religiosa e cultural junto aos seus vizinhos do Sudeste Asiático, reforçada por uma história marítima que perdura até os dias de hoje. Contudo, as relações de defesa evoluíram apenas nas últimas duas décadas por meio da política *Look East* que teve início nos anos 1990, sendo renomeada para *Act East* em 2014, por Narendra Modi. Destarte, a expectativa do governo indiano era estabelecer um equilíbrio na ROI, por meios de compromissos marítimos junto aos EUA e países da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)<sup>36</sup>, frente à influência política e econômica chinesa na região. A política *Act East* gerou um progresso nas relações estratégicas junto aos estados do Sudeste Asiático, obtendo assim o efeito desejado (UPADHYAYA, 2020).

A EMMI de 2015 ressaltou a necessidade de a Marinha abarcar forças marítimas amigas na ROI, por meio da política *Act East* visando fortificar uma estrutura cooperativa que promova a compreensão mútua e incremente a segurança e a estabilidade na região. Além disso, a Índia também lançou o Projeto *Mausam*<sup>37</sup> em 2014, com o objetivo de renovar os

---

<sup>36</sup> A Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) é um bloco econômico integrado por Brunei, Camboja, Cingapura, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Tailândia e Vietnã, além dos países observadores: Papua-Nova Guiné e Timor Leste.

<sup>37</sup> O Projeto *Mausam* (Monção) procura reviver historicamente as ligações comerciais, culturais e sociais entre diversas regiões do Oceano Índico, muitas consideradas como patrimônio da humanidade.

laços culturais e contato entre os países da ROI e o Programa *Vision SAGAR*<sup>38</sup> em 2015, com o objetivo de reforçar as relações econômicas e o desenvolvimento da ROI, além de construir capacidade de segurança marítima (ÍNDIA, 2015a).

#### 4.2 Bases e pontos estratégicos na Região do Oceano Índico

Desde de 2001, quando foi estabelecido o Comando Andamão e Nicobar, nas ilhas homônimas (FIG. 11), ocorreu um incremento no nível de relevância dessa parcela insular do território indiano no que tange à importância estratégica, visto a sua localização na parte leste da ROI, possibilitando o desenvolvimento das relações juntamente as marinhas regionais do Sudeste Asiático, o que gerou um aumento no adestramento por meio de patrulhas coordenadas semestrais junto a Tailândia e Indonésia, de exercícios anuais do *Singapore India Maritime Bilateral Exercise* (SIMBEX) com Singapura e de exercícios multilaterais bianuais como o *Milan*, que reúne a maioria dos países da ROI (SINGH, 2015).

Indiretamente, o Comando Andamão e Nicobar produz efeitos no ambiente geopolítico, visto que, é uma demonstração aos seus potenciais adversários, principalmente por se localizar próximo ao estreito de Malaca. Mostrando a relevância em se estabelecerem posições estratégicas na ROI, em 2017, Nova Délhi lançou o Plano de Perspectiva de Infraestrutura Marítima (PPIM) 2025 que se destina a desenvolver os seus territórios insulares (SINGH, 2015).

Outro ponto estratégico para Nova Délhi é a cadeia de ilhas *Lakshadweep* e *Minicoy* (FIG. 14) na parte oeste da ROI, visto a capacidade de projeção de poder. Contudo,

---

<sup>38</sup> SAGAR é a política ou doutrina da Índia de cooperação marítima na região do Oceano Índico. A iniciativa SAGAR é definida em termos de: Segurança, capacitação, ação coletiva, desenvolvimento sustentável e engajamento marítimo.

resultado do pensamento pacifista, o país não aproveitou essa capacidade, e assim, não desenvolveu estruturas militares nessas ilhas. Sendo assim, encontram-se expostas a ameaças não-tradicionais (UPADHYAYA, 2020).

Desde agosto de 2017, a Marinha Indiana realiza a *Mission Based Deployment* (FIG. 15) com o objetivo de aumentar sua presença e visibilidade na ROI. Desse modo, pretende estar presente em sete áreas relevantes de modo a incrementar sua relevância na região. O conceito dessa missão é baseado no estabelecimento de aproximadamente quinze navios durante todo o ano, prontos para missões ao longo de LCM críticas e pontos de estrangulamento na ROI (BARUAH, 2022).

Outrossim, resultado do Programa *Vision SAGAR*, imagens de satélites de agosto de 2021 apontaram que a Índia está realizando a construção de infraestruturas para fins militares nas Ilhas Maurício, na costa africana do Oceano Índico. Tais instalações permitirão apoio logístico fixo ao Exército e a Marinha Indiana, de modo a contrabalancear a presença chinesa na região, materializada pela Base em Djibouti. Desse modo, podemos observar que tal ação de Nova Délhi vai ao encontro do estabelecido na EMMI de 2015 (BG n. 146, 2021).

### **4.3 Conclusões parciais**

Com base no exposto neste presente capítulo, identificamos que a crescente presença da MEPL na ROI motivou Nova Délhi a ajustar sua estratégia marítima de modo a fazer frente a essas ações. Contudo, o governo indiano ressalta que suas ameaças podem ser tanto tradicionais quanto não tradicionais. Portanto, definiu por meio do PPCMM de 2005 a quantidade de meios a serem desenvolvidos de modo a possuir uma Marinha com múltiplas capacidades. Ao desenvolver a EMMI de 2015, o governo indiano evidenciou a sua preocupação com o seu inimigo, e assim, vem materializando a sua estratégia de dissuasão

por meio do desenvolvimento de SSBN e Navios-aeródromo, combinado a política *Made in India*. Desse modo, identificamos características da teoria de Corbett a respeito do desenvolvimento de uma frota adequada para execução das tarefas necessárias.

Ao implementar o Comando Andamão e Nicobar, nas ilhas homônimas, Nova Délhi demonstrou claramente suas preocupações na ROI, ao expandir sua possibilidade de atuação com o incremento da capacidade logística fixa dessas ilhas. Contudo, não identificamos ações na cadeia de ilhas *Lakshadweep* e *Minicoy*. Entretanto, o desenvolvimento de infraestruturas nas Ilhas Maldivas e no Sri Lanka, além do apoio francês na ilha *La Reunion*, minimizam a deficiência de pontos de apoio no setor oeste da ROI. Portanto, podemos identificar aspectos apresentados na teoria de Corbett no que se refere ao incremento de pontos navais para apoio.

Em 2017, foi implantado o PPIM 2025, buscando o desenvolvimento de territórios insulares indianos. Associado a isso, no mesmo ano, Nova Délhi estabeleceu ações por meio da *Mission Based Deployment*, visando missões ao longo das LCM críticas e pontos de estrangulamento na ROI. Essas ações, combinadas a implantação do Comando Andamão e Nicobar apresentam particularidades semelhantes a teoria de Corbett no que tange ao controle das LCM e de posições estratégicas.

Identificamos que o pensamento estratégico indiano cerrou distância frente aos estados do Ocidente, além do seu entorno estratégico. Para tal, fez uso da política *Act East*, tendo o projeto *Mausam* e o Programa *Vision SAGAR* como ferramentas em complemento, e desse modo, apresentou relações com a teoria de Corbett no que concerne à atuação da expressão política e o desenvolvimento de ações diplomáticas.

Pelo desenvolvido em todos os capítulos apresentados até aqui, passaremos a realizar uma conclusão que será a seguir descrita neste trabalho.

## 5 CONCLUSÃO

Ao iniciarmos a dissertação, propusemos abordar a estratégia marítima de China e Índia na ROI no século XXI, sob a ótica da teoria de Corbett, para que ao final avaliássemos a semelhança em ambos os casos. Para alcançar tal propósito, foi empregada, como desenho de pesquisa, a comparação da teoria com a realidade, por meio de pesquisas bibliográficas e documentais.

Primeiramente, realizamos uma abordagem geral do nosso tema e delimitamos o objeto de estudo. No segundo capítulo, abordamos a teoria de estratégia marítima de Corbett, que evidenciou a importância do **incremento de pontos navais para apoio** e de **uma frota adequada para a execução das tarefas necessárias quando a guerra eclodir**, e assim, estabelecer o comando do mar por meio **do controle das LCM e de posições estratégicas**, podendo ser de características militares ou comerciais, ou negar ao adversário tal possibilidades.

Posteriormente, observamos que Corbett fez uso de acontecimentos históricos envolvendo a Força Naval Britânica para robustecer sua teoria de estratégia marítima, destacando também, a importância da **atuação do poder político e de ações diplomáticas**. Assim, observamos a influência da sua teoria junto ao Almirantado Britânico por ocasião da PGM e sobre as ações desenvolvidas pela Marinha dos EUA no Oceano Pacífico durante a SGM.

No que tange ao **incremento de pontos navais para apoio**, ressaltamos que as ações de Pequim e Nova Délhi se encontram em fases distintas, visto que a estratégia da Nova Rota de Seda desenvolvida pela China atende a esse propósito, ao gerar capacidade de apoio em pontos distribuídos na ROI para a sua Força Naval visando proteger seus interesses em águas marítimas afastadas, de modo a garantir seu abastecimento contínuo realizado por

meio de suas LCM, oriundas do mundo árabe-persa e de o Continente Africano, sendo fonte de hidrocarbonetos e recursos minerais, respectivamente, minimizando os efeitos advindos do Dilema de Malaca.

Na Índia, as preocupações quanto ao incremento de pontos navais de apoio se refletiram na implantação do Comando Andamão e Nicobar, nas ilhas homônimas, situadas no setor leste da ROI e vizinho ao Estreito de Malaca. Contudo, o mesmo não aconteceu em relação à cadeia de ilhas *Lakshadweep* e *Minicoy*, provocando vulnerabilidade frente a ameaças não tradicionais. Entretanto, implementou instalações de apoio junto as Ilhas Maldivas e Sri Lanka, além do estabelecimento de relações junto a França em 2018, o que propiciou a Marinha Indiana um ponto de apoio a oeste da ROI, e assim, minimizou a deficiência identificada devido à falta de ação junto a cadeia de ilhas *Lakshadweep* e *Minicoy*.

A respeito de possuir **uma frota adequada para a execução das tarefas necessárias quando a guerra eclodir**, observamos que as ações de Pequim nesse quesito se desenvolvem em ritmo constante, visto que, a MEPL implementou a estratégia para proteção em águas marítimas afastadas em meados dos anos 2000, sob orientação política, que definiu o ano de 2035, como limite para conclusão das ações necessárias, que passam pelo desenvolvimento de meios nos quesitos quantitativo e qualitativo de modo a transformar totalmente suas Forças Armadas em forças de classe mundial.

No que tange à Índia, o PPCMM de 2005 definiu as metas quantitativa e qualitativa com intuito de constituir três grupos nucleados em Navios-aeródromo, entretanto, o ritmo do desenvolvimento das ações se encontra abaixo do previsto, principalmente quando comparado ao desenvolvido pela MEPL, sequela da dificuldade de implantação da política *Made in India*, das restrições provocadas pela pandemia COVID-19 e devido a restrições financeiras.



Com relação ao **controle das LCM e de posições estratégicas**, observamos movimentos mais estruturados por parte de Pequim, haja vista as ações desenvolvidas por meio da estratégia de Colar de Pérolas, em que as expressões político e militar propiciam facilidades logísticas a MEPL por meio de portos estrategicamente distribuídos ao longo das principais LCM chinesas, de modo a possibilitar o controle delas e de posições estratégicas, que se dispõem ao longo do ROI, cabendo salientar as quatro “pérolas” de maior relevância, que são: o porto de Gwadar, no Paquistão, nas proximidades do estreito de Ormuz; Base em Djibouti, nas proximidades do Golfo de Áden; a Região do Mar do Sul da China, nas proximidades do Estreito de Malaca; e Sri Lanka, nas proximidades do território indiano.

A Índia, nesse sentido, incrementou sua capacidade de controle das LCM e de posições estratégicas por meio da implantação, em 2001, do Comando Andamão e Nicobar, ficando nas proximidades do Estreito de Malaca. Outra ação relevante foi a implantação em 2017 da PPIM 2025, que se destina a desenvolver territórios insulares indianos, corroborando a mesma capacidade. Cabe ressaltar as ações desenvolvidas desde 2017, por meio da *Mission Based Deployment*, em que 15 navios permanecem em sete relevantes áreas prontos para missões ao longo de LCM críticas e pontos de estrangulamento na ROI. Contudo, não identificamos ações em relação à cadeia de ilhas *Lakshadweep* e *Minicoy*.

Sobre a **atuação do poder político e de ações diplomáticas**, identificamos que Pequim adota uma postura pragmática buscando consolidar seus interesses. Assim, atua por meio da estratégia da Nova Rota de Seda, ao desenvolver um mercado expandido e interdependente centrado na China, destarte, eleva a relação junto ao Paquistão a uma posição de destaque, visto os investimentos realizados no porto de Gwadar, além do comum antagonismo frente a Nova Délhi. Cabe salientar a atuação junto ao CCG, visto que todos os Estados foram assinalados como parceiros estratégicos de Pequim.

Por fim, a atuação diplomática pelo poder político indiano é de relevante destaque, especialmente após a assunção de Modi como primeiro-ministro em 2014, haja visto as diversas relações estabelecidas junto a inúmeros Estados, por meio de ferramentas representadas pela política do *Act East*, do Projeto *Mausam* e do Programa *Vision SAGAR*.

Além da contribuição em segurança marítima via QUAD, sendo esse último de relevante importância, haja vista a atuação juntamente a EUA, Japão e Austrália, refletindo uma manifesta demonstração de reação às ações de Pequim no tabuleiro geoestratégico da ROI.

Sendo assim, ficam aqui demonstrados os pontos de semelhança entre a teoria de estratégia marítima de Corbett frente às atuações de China e Índia na ROI no Século XXI no que tange ao controle do mar por meio do controle das LCM e de posições estratégicas, sendo de características militares ou comerciais. Além disso, existe a necessidade da execução em tempos de paz do incremento de pontos navais para apoio e desenvolvimento de uma frota adequada para execução das tarefas necessárias quando a guerra eclodir em conjunto da atuação do poder político e ações diplomáticas.

Antes de concluir o trabalho, sugere-se, como futura pesquisa, a análise das estratégias marítimas Chinesa e Indiana na Região do Oceano Pacífico.

## REFERÊNCIAS

BARUAH, Darshana M. *India in the Indo-Pacific: New Delhi's Theater of Opportunity*. Carnegie Endowment for International Peace. Washington D.C.: 30 jun 2020. Disponível em: <<https://carnegieendowment.org/2020/06/30/india-in-indo-pacific-new-delhi-s-theater-of-opportunity-pub-82205>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

BARUAH, Darshana M. *Maritime Competition in the Indian Ocean*. Carnegie Endowment for International Peace. Washington D.C.: 12 maio 2022. Disponível em: <<https://carnegieendowment.org/2022/05/12/maritime-competition-in-indian-ocean-pub-87093>>. Acesso em: 27 de jul. 2022.

BIGGERS, Cris. *Índia lança 3º submarino nuclear capaz de transportar mísseis balísticos, segundo relatos*. Rio de Janeiro: Sputnik Brasil. 31 dez. 2021. Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/20211231/india-lanca-3-submarino-nuclear-capaz-de-transportar-misseis-balisticos-segundo-relatos-20878012.html>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BOLETIM GEOCORRENTE (BG). *França e Índia estreitam cooperação naval*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, n. 69, 23 mar. 2018. 3 p.

\_\_\_\_\_. *Japão e Reino Unido: estreitando laços econômicos e militares*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, n. 145, 12 ago. 2021. 4 p.

\_\_\_\_\_. *O quebra-gelo USCGC Healy e a investida dos EUA no Ártico*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, n. 146, 26 ago. 2021. 7 p.

\_\_\_\_\_. *Os desdobramentos da aproximação entre Índia e França para a dinâmica do Indo-Pacífico*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, n. 152, 24 nov. 2021. 3 p.

\_\_\_\_\_. *O novo orçamento de defesa japonês e a dinâmica regional*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, n. 154, 26 jan. 2022. 5 p.

\_\_\_\_\_. *O setor naval e a aproximação entre Londres e Bruxelas em uma Europa insegura*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, n. 158, 23 mar. 2022. 10 p.

BRASIL. *MD35-G-01. Glossário das Forças Armadas*. Brasília: Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. 2015.

BUENO, Sinara. *Saiba o que é o Estreito de Malaca*. Faxcomex, 07 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.fazcomex.com.br/comex/estreito-de-malaca-o-que-e/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CHINA. *China's national defense in the new era*. Beijing: The State Council Information Office of the People's Republic of China, 2019.

CONDON, Megan. et al. *Maritime Security in the Asia-Pacific: A Navigational Map for the New U.S. Administration*. The Senator Henry M. Jackson School of International Studies. University of Washington, Seattle, 2017. 12 p.

CORBETT, Julian S. *Drake e Tudor Navy: with a history of the rise of England as a maritime power*. vol. 1. Londres: E-book, 1898. Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924087991646/page/n19/mode/2up>>. Acesso em: 23 maio 2022.

\_\_\_\_\_. *Drake e Tudor Navy: with a history of the rise of England as a maritime power*. vol. 2. Londres: E-pub, 1899. Acesso em: 03 jun. 2022. ISBN: 9781142054014.

\_\_\_\_\_. *England and the Seven Years' War: a study in combined strategy*. vol. 1. Londres: 1907. Disponível em: <<https://archive.org/details/englandinseveny05corbgoog/page/n8/mode/2up?view=theater>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Some principles of Maritime Strategy*. 1. ed. Uckfield, Reino Unido: E-book, 1911. Acesso em: 09 maio 2022. ISBN 9781843426226.

COUTAU-BEGARIE, Hervé. *Tratado de Estratégia*. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 11 p.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Disponível em: <https://cwww.britannica.com/topic/Silk-Road-trade-route>. Acesso em: 10 jun. 2022.

EUA. *Annual Report to Congress of the U.S.-China economic and security review commission*. Washington D.C.: Office of Secretary of Defense, 2020. 587 p. Relatório.

\_\_\_\_\_. *Annual Report to Congress of the U.S.-China economic and security review commission*. Washington D.C.: Office of Secretary of Defense, 2021. 551 p. Relatório.

GALANTE, Alexandre. *Marinha Indiana vai receber segundo submarino de mísseis balísticos*. São Paulo: Poder Naval. 05 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.naval.com.br/blog/2021/01/05/marinha-indiana-vai-receber-segundo-submarino-de-misseis-balisticos/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

ÍNDIA. *Ensuring secure seas: Indian Maritime Security Strategy*. Nova Délhi: Ministry of Defence. 2015a. 187 p.

\_\_\_\_\_. *Indian Naval Indigenisation Plan (INIP) 2015-2030*. Nova Délhi: Directorate of Indigenisation, Ministry of Defence. 2015b. 99 p.

JOHNSTON, Lauren A. *The Belt and Road Initiative: What is in it for China?*. Asia & The Pacific Policy Studies, Melbourne, vol. 6, n. 1, p. 40-58, jan. 2019.

JOY, Jofin. *Maritime Security of India: Capabilities and Challenges*. *Electronic Journal of Social and Strategic Studies*, Tamil Nadu, vol. 2, n. 3, p. 397-405, dez. 2021.

KAPLAN, Robert. *A Vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. 30 p.

LI, Nan. *The evolution of China's naval strategy and capabilities: from "near coast" and "near seas" to "far seas"*. In: SAUNDERS, Phillip C. et al. *The Chinese Navy: expanding capabilities, evolving roles*. Washington D.C.: Institute for National Strategic Studies, 2011. capítulo 5. p. 109-140.

MODI, Narendra. *India's pride, nuclear submarine INS Arihant successfully completed its first deterrence patrol! [...] In an era such as this, a credible nuclear deterrence is the need of the hour. The success of INS Arihant gives a fitting response to those who indulge in nuclear blackmail*. Nova Délhi: 05 nov. 2018. Tweet: @narendramodi. Disponível em: <[https://twitter.com/narendramodi/status/1059361293579124736?ref\\_src=twsrc%5Etfw](https://twitter.com/narendramodi/status/1059361293579124736?ref_src=twsrc%5Etfw)>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MUDUNURI, Navya. *The Malacca Dilemma and Chinese Ambitions: Two Sides of a Coin*. *Diplomatist*, 07 jan. 2020. Disponível em: <<https://diplomatist.com/2020/07/07/the-malacca-dilemma-and-chinese-ambitions-two-sides-of-a-coin/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

O'ROURKE, Ronald. *China Naval Modernization: Implications for U.S. Navy Capacities – Background and Issues for Congress*. Washington D.C.: Congressional Research Service. 2021. 63 p. Relatório.

PEHRSON, Christopher J. *String of Pearls: Meeting the Challenge of China's rising power across the Asian littoral*. Washington D.C.: U.S. Government, 2006. 37 p.

PODER NAVAL. *Novo Navio-aeródromo de US\$ 3 bilhões da Índia entrará em serviço este ano*. *Redação Forças de Defesa*. 14 maio 2022. Disponível em: <<https://www.naval.com.br/blog/2022/05/14/novo-porta-avioes-de-us-3-bilhoes-da-india-entrara-em-servico-este-ano/>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

UNNITHAN, Sandeep. *India obtains two strategically significant toeholds in the Indian Ocean*. Nova Délhi: *India Today*. 27 mar. 2015. Disponível em: <<http://indiatoday.intoday.in/story/indian-ocean-narendra-modi-significant-toeholds/1/426012.html>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SAKHUJA, Vijay. *China, Índia e a Estratégia de equilíbrio no Oceano Índico: A Rota de Seda Marítima como Espada Dupla Afiada*. Washington D.C.: Rising Power Institute. Jul. 2017. Disponível em: <<https://www.risingpowersinitiative.org/publication/china-india-and-the-strategic-balance-in-the-indian-ocean-the-maritime-silk-road-as-a-double-edged-sword/>>. Acesso em 13 jul. 2022.

SINGH, Abhijit. *An Indian Maritime Strategy for an Era of Geopolitical Uncertainty*. Nova Délhi: *Journal of Defence Studies*, vol. 9, n. 4, 2015, p. 7-19.

SMITH, Cody T. *Century of the seas: unlocking Indian maritime strategy in the 21st century*. 2017. 105 p. Naval Postgraduate School, United States Navy, California, Estados Unidos da América, 2017.

VÁZQUEZ, Daniel Day. *A Rota da Seda, o Colar de Pérolas e a competição pelo Índico*. Madri: Revista de Geopolítica, 2013.

VIO, Carlos A. A. *Historia Naval Mundial*. vol. 2. Viña del Mar, Chile: Universidad Marítima de Chile, 1997. 10 p.

WEDIN, Lars. *Estratégias Marítimas no Século XXI: A contribuição do Almirante Castex*. Tradução de Reginaldo Gomes Garcia dos Reis et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015. 236 p.

WEGENER, W. *La Estrategia Naval en la Guerra Mundial*. 1. ed. Buenos Aires: J.C.R., 1935. 95 p.

XAVIER, Alexandre Tito dos Santos. *Choque de Titãs - China x Índia*. Rio de Janeiro: Tito Geopolítica. 13 abr. 2020a. Disponível em: <<https://www.atitoxavier.com/post/choque-de-tit%C3%A3s-china-x-%C3%ADndia>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

XAVIER, Alexandre Tito dos Santos. *Choque de Titãs - China x Índia. Parte II*. Rio de Janeiro: Tito Geopolítica. 10 set. 2020b. Disponível em: <<https://www.atitoxavier.com/post/choque-de-tit%C3%A3s-china-x-%C3%ADndia-parte-ii>>. Acesso em 30 jun. 2022.

## ANEXO – ILUSTRAÇÕES (1 A 15)



FIGURA 1 – Principais Linhas de Comunicação Marítima para a China.

Fonte: <<https://www.naval.com.br/blog/2021/03/11/a-china-construiu-a-maior-marinha-de-guerra-do-mundo-agora-o-que-pequim-vai-fazer-com-ela/>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

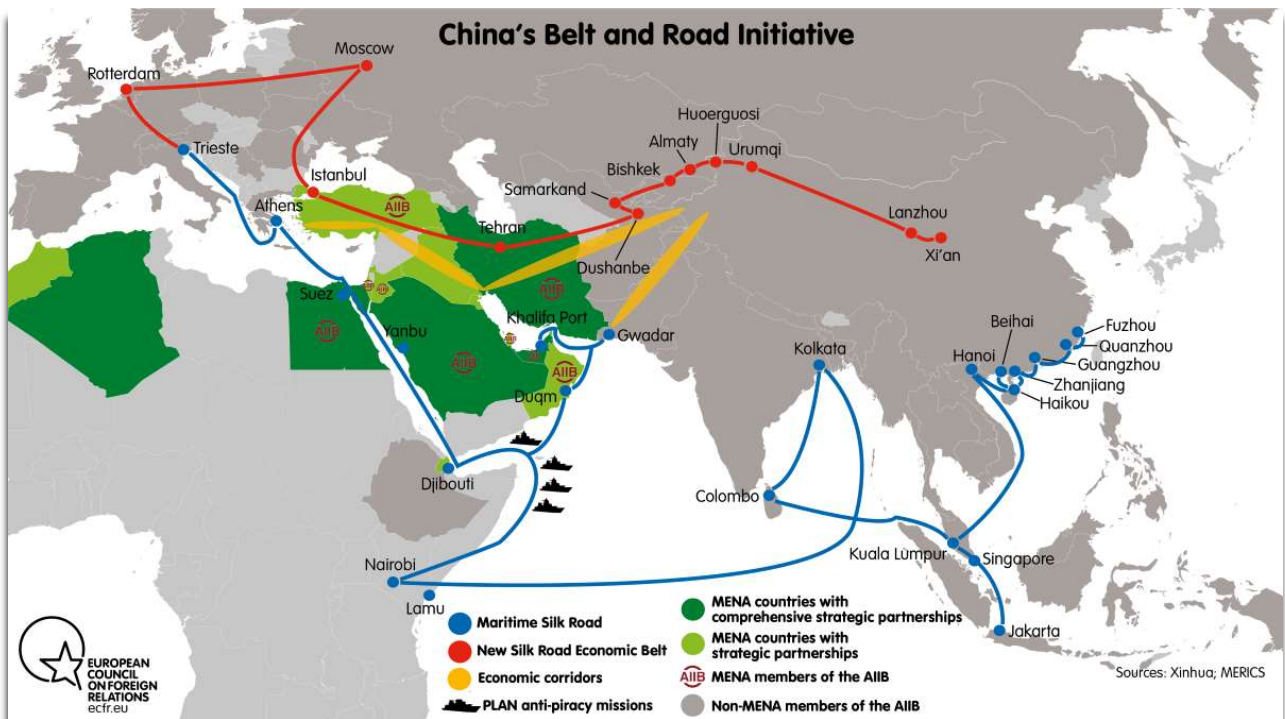


FIGURA 2 – Nova Rota de Seda desenvolvida pela China.

Fonte: <[https://ecfr.eu/publication/china\\_great\\_game\\_middle\\_east/](https://ecfr.eu/publication/china_great_game_middle_east/)>. Acesso em: 10 jun. 2022.





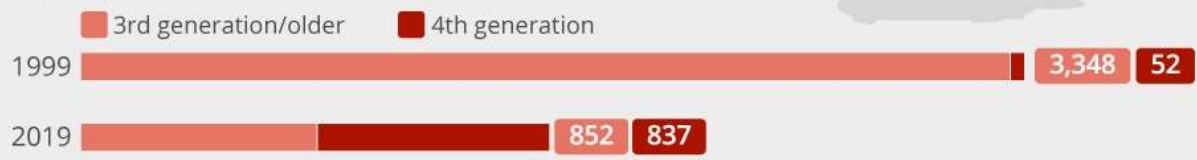
FIGURA 3 – Colar de Pérolas da China.

Fonte: <<https://www.spsnavalforces.com/story/?id=332>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

## Then & Now China's Military Modernization

Share of modern and older equipment in the Chinese military

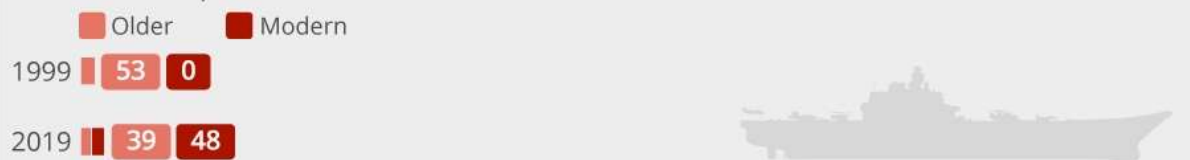
### Fighter jets



### Attack submarines



### Surface warships



@StatistaCharts Source: International Institute for Strategic Studies via University of Sydney

statista

FIGURA 4 – Comparação da quantidade de meios antigos e modernos do Exército Popular de Libertação da China.

Fonte: <<https://www.statista.com/chart/19162/share-of-modern-and-older-equipment-in-the-chinese-military/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Year of DOD report	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	change from 2005
Ballistic missile submarines	1	1	1	1	2	2	2	2	3	3	4	4	4	4	4	4	+3
Nuclear-powered attack submarines	6	5	5	5	6	6	5	5	5	5	5	5	5	5	6	6	0
Diesel attack submarines	51	50	53	54	54	54	49	48	49	51	53	57	54	47	50	46	-5
Aircraft carriers	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	2	+2
Cruisers	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	+1
Destroyers	21	25	25	29	27	25	26	26	23	24	21	23	31	28	33	32	+11
Frigates	43	45	47	45	48	49	53	53	52	49	52	52	56	51	54	49	+6
Corvettes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	15	23	23	28	42	49	+49
Missile-armed coastal patrol craft	51	45	41	45	70	85	86	86	85	85	86	86	88	86	86	86	+35
Amphibious ships: LSTs and LPDs	20	25	25	26	27	27	27	28	29	29	29	30	34	33	37	37	+17
Amphibious ships: LSMs	23	25	25	28	28	28	28	23	26	28	28	22	21	23	22	21	-2
<b>Total of types above (does not include other types, such as auxiliary and support ships)</b>	<b>216</b>	<b>221</b>	<b>222</b>	<b>233</b>	<b>262</b>	<b>276</b>	<b>276</b>	<b>271</b>	<b>273</b>	<b>283</b>	<b>294</b>	<b>303</b>	<b>317</b>	<b>306</b>	<b>335</b>	<b>333</b>	<b>+117</b>
China Coast Guard ships	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	185	240	248	255	<i>n/a</i>
Total U.S. Navy battle force ships (which includes auxiliary and support ships but excludes patrol craft)	291	282	281	279	282	285	288	284	287	285	289	271	275	279	286	296	+5
Total U.S. Navy battle force ships compared to above total for certain Chinese ship types	+75	+61	+59	+46	+20	+9	+12	+13	+14	+2	-5	-32	-42	-27	-49	-37	-112

FIGURA 5 – Comparação quantitativa da força naval de batalha entre China e EUA no período desde 2005 até 2020.

Fonte: O'ROURKE, 2018, p. 30.

	2000	2005	2010	2015	2020	2025	2030
Ballistic missile submarines	1	1	3	4	4	6	8
Nuclear-powered attack submarines	5	4	5	6	7	10	13
Diesel attack submarines	56	56	48	53	55	55	55
Aircraft carriers, cruisers, destroyers	19	25	25	26	43	55	65
Frigates, corvettes	38	43	50	74	102	120	135
<b>Total China navy battle force ships, including types not shown above</b>	<b>110</b>	<b>220</b>	<b>220</b>	<b>255</b>	<b>360</b>	<b>400</b>	<b>425</b>
<b>Total U.S. Navy battle force ships</b>	<b>318</b>	<b>282</b>	<b>288</b>	<b>271</b>	<b>297</b>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>

FIGURA 6 – Comparação da quantidade de certos tipos de navios entre chineses e norte-americanos no período de 2000 até 2030, baseado em planos de construção de fevereiro de 2020.

Fonte: O'ROURKE, 2018, p. 32.

<b>Ship type</b>	<b>2020</b>	<b>2025</b>	<b>2030</b>	<b>2040</b>	<b>2040 change from 2020</b>
Ballistic missile submarines	4	6	8	10	+6
Nuclear-powered attack submarines	6	10	14	16	+10
Diesel attack submarines	47	47	46	46	-1
Aircraft carriers	2	3	5	6	+4
Cruisers and destroyers	41	52	60	80	+39
Frigates and corvettes	102	120	135	140	+38
LHA-type amphibious assault ships	0	4	4	6	+6
LPD-type amphibious ships	7	10	14	14	+7
LST-type amphibious tank landing ships	30	24	24	15	-15
<b>TOTAL of types shown above</b>	<b>239</b>	<b>276</b>	<b>310</b>	<b>333</b>	<b>+94</b>
<b>TOTAL number of U.S. Navy battle force ships</b>	<b>297</b>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>	<i>n/a</i>

FIGURA 7 – Comparação da quantidade de certos tipos de navios entre chineses e norte-americanos no período desde 2020 até 2040, baseado em planos de construção em outubro de 2020.  
Fonte: O'ROURKE, 2018, p. 33.

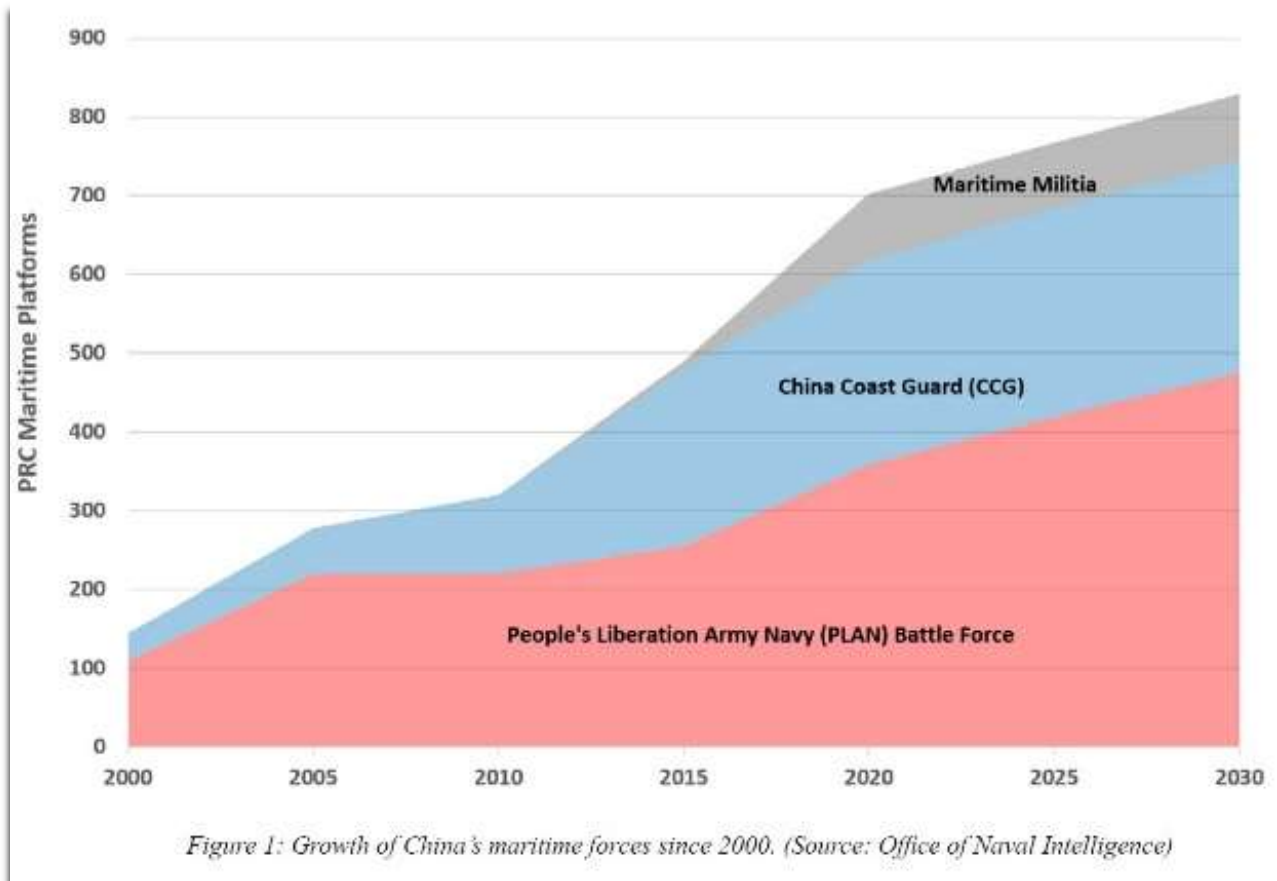


FIGURA 8 – Previsão de evolução da quantidade de embarcações da Milícia Marítima China no período entre 2000 e 2030.

Fonte: <<https://www.atitoxavier.com/post/a-milicia-maritima-chinesa-e-o-seu-emprego-na-gray-zone>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

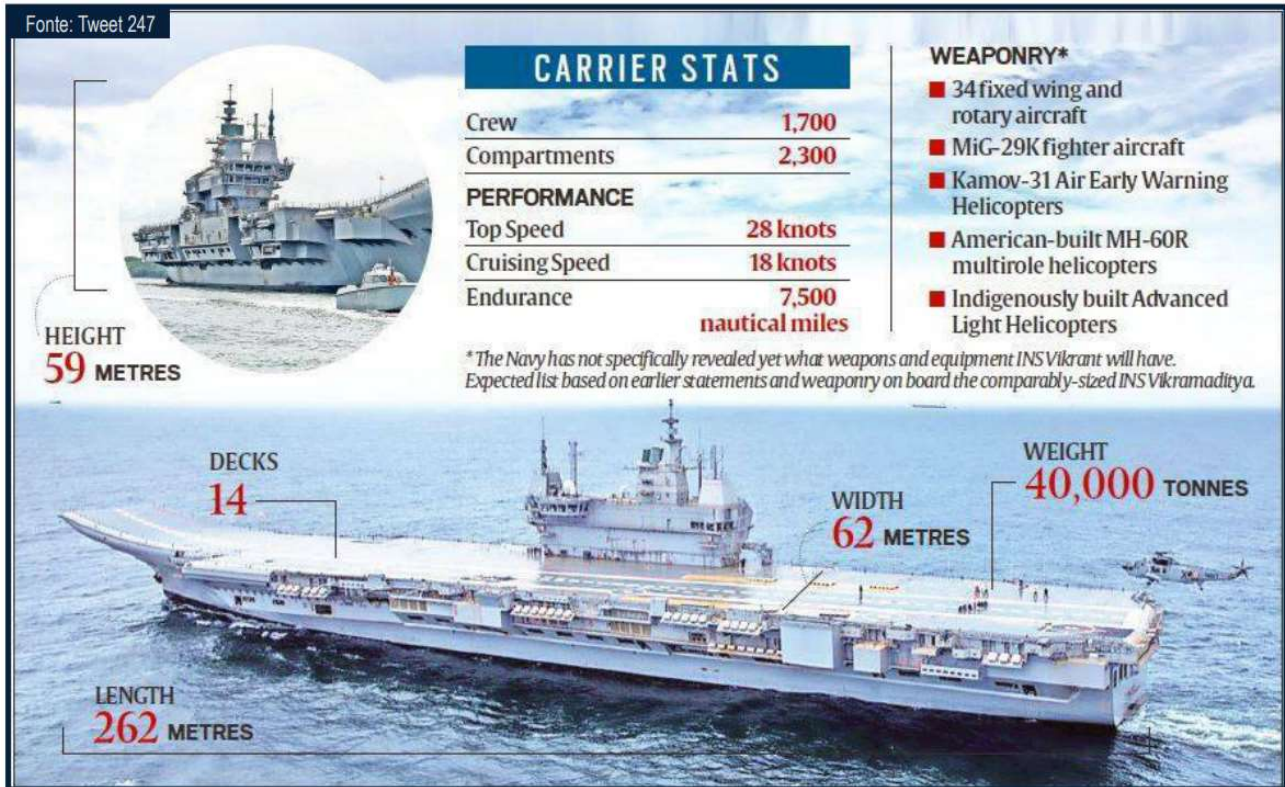


FIGURA 9 – Características do Navio-aeródromo indiano INS Vikrant.

Fonte: BG n. 145, 2021, p. 14.



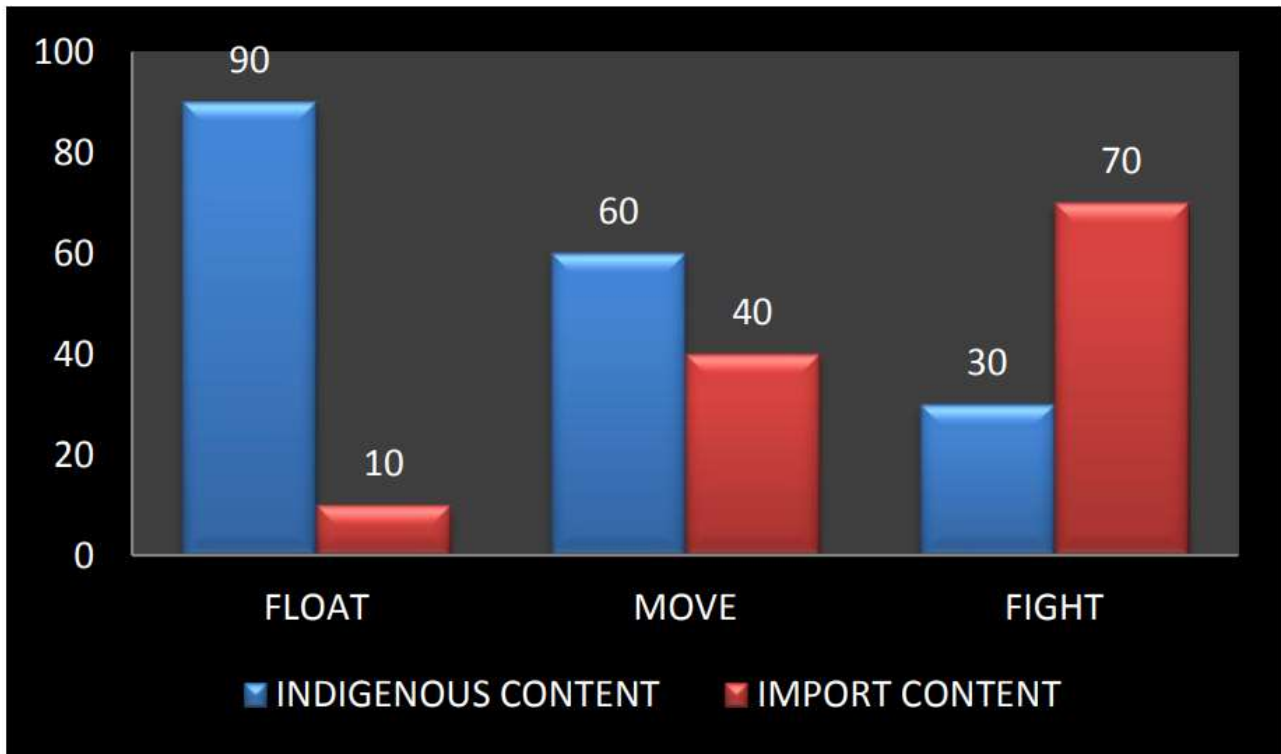


FIGURA 10 – Índice de indigenização dos equipamentos a bordo dos navios nas categorias “Float”, “Move” e “Fight”.

Fonte: ÍNDIA, 2015b, p. 9.





FIGURA 11 – Localização das ilhas Andamão e Nicobar no Oceano Índico.  
 Fonte: BG n. 156, 2021, p. 15.

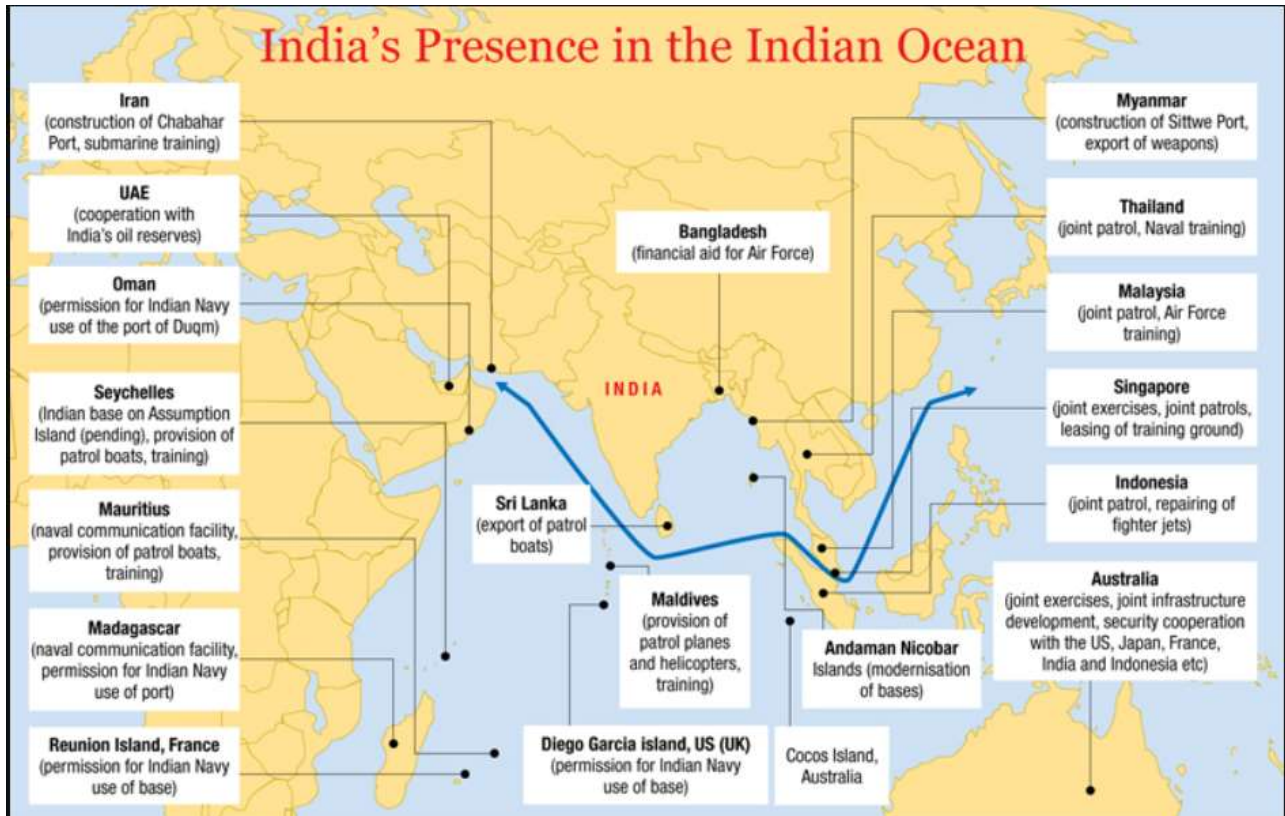


FIGURA 12 – Atuação da Índia junto a outros atores no Oceano Índico.

Fonte: <[https://www.drishtiiias.com/images/uploads/1594378692\\_image0.png](https://www.drishtiiias.com/images/uploads/1594378692_image0.png)>. Acesso em: 20 jul. 2022.



The Indian Navy conducts institutionalised exercises with foreign navies as follows:-



The United States Navy in Exercise *Malabar*, since 1992



The Royal Navy (UK) in Exercise *Konkan*, since 2004



The Royal Oman Navy, in Exercise *Thammar-al-Tayyib*, since 1993, later renamed as Exercise *Naseem-al-Bahr* in 2007



The Sri Lanka Navy in SLINEX, since 2005



The Brazil and South African navies in IBSAMAR, since 2008



The Republic of Singapore Navy, since 1994, in *IN-RSN ASW Training Exercise Sea Lion*, later renamed as Singapore India Maritime Bilateral Exercise (SIMBEX)



The Japanese Maritime Self Defence Force in JIMEX, since 2012



The French Navy in Exercise *Varuna*, since 2001



The Royal Australian Navy in AUSINDEX, since 2015



The Russian Navy in Exercise INDRA, since 2003



The Indonesian Navy, since 2015



The Indian Coast Guard has been conducting an annual Exercise *Dosti* with the Maldives National Defence Force since 1991. It has been upgraded to a trilateral exercise with addition of the Sri Lanka Coast Guard since 2012

FIGURA 13 – Exercícios realizados pela Marinha Indiana junto a marinhas amigas.

Fonte: ÍNDIA, 2015a, p. 87.

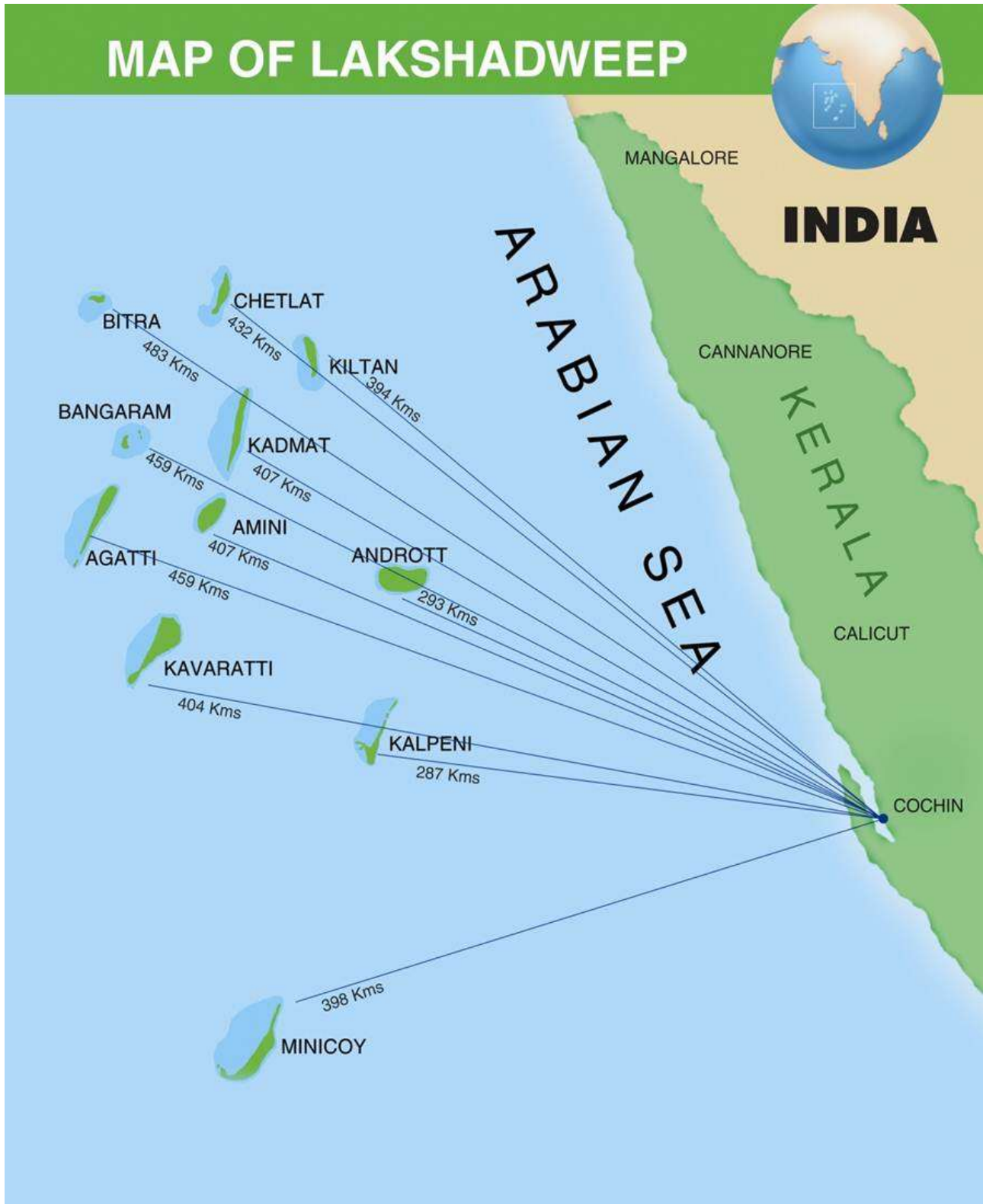


FIGURA 14 - Cadeia de ilhas Lakshadweep e Minicoy.

Fonte: <<https://lakshadweep.gov.in/about-lakshadweep/lakshadweep-map/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.



## Indian Navy's Mission-Based Deployment

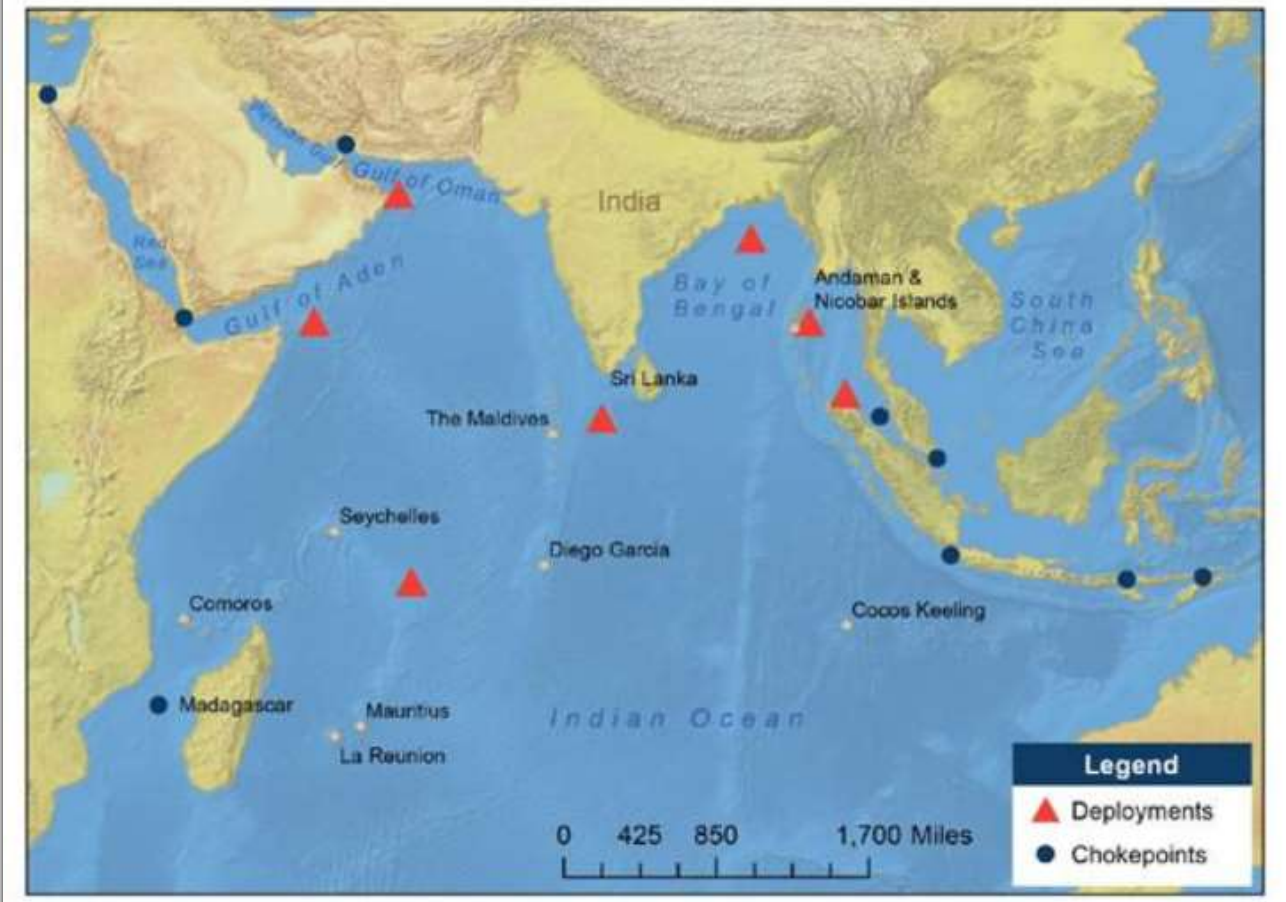


FIGURA 15 – Localização dos sete pontos de realização da *Mission Based Deployment*.

Fonte: <<https://carnegieendowment.org/2022/05/12/maritime-competition-in-indian-ocean-pub-87093>>.

Acesso em: 27 jul. 2022.